

PROPOSTA DE PAZ 2016

POR DR. DAISAKU IKEDA, PRESIDENTE DA SOKA GAKKAI INTERNACIONAL

Respeito universal pela dignidade humana: o grande caminho da paz

ENVIADA ÀS NAÇÕES UNIDAS (ONU)
POR OCASIÃO DO 41º ANIVERSÁRIO DA SGI, EM 26 DE JANEIRO DE 2016

DAISAKU IKEDA nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928.

Formado pela Escola Superior Fuji, na área de economia, é atualmente presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma das maiores organizações não governamentais das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de associados em 192 países e territórios.

Fundou várias instituições educacionais e culturais, como as escolas Soka (da educação infantil ao ensino superior), a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Arte Fuji de Tóquio.

Pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de vinte idiomas, é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1992, ocupando a cadeira de nº 14.

Ikeda acredita que um movimento popular centralizado nas Nações Unidas é a chave para transformar o mundo, onde imperam a desunião e a hostilidade, num lugar de coexistência pacífica. Por isso, apresenta anualmente, no dia 26 de janeiro, aniversário de fundação da SGI, sua proposta de paz.

A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).



ILHA DE GUAM
A cerimônia de fundação da
SGI ocorreu em 1975,
nesta ilha, situada no
Oceano Pacífico

Carta da Soka Gakkai Internacional

Preâmbulo

NÓS, organizações constituintes da Soka Gakkai Internacional (SGI), abraçamos o objetivo fundamental e a missão de contribuir para a paz, a cultura e a educação, com base na filosofia e nos ideais do Budismo de Nichiren Daishonin.

Reconhecemos que, em nenhuma outra época da história, a humanidade testemunhou tamanha justaposição de guerra e paz, discriminação e igualdade, pobreza e fartura, como no século 20. O desenvolvimento da tecnologia militar cada vez mais sofisticada e exemplificada pelas armas nucleares, criou uma situação em que a própria sobrevivência da espécie humana foi posta em risco. A realidade da violenta discriminação étnica e religiosa tem se apresentado num interminável ciclo de conflito. Se não bastasse, o egoísmo e a negligência do homem causaram, e continuam causando, problemas mundiais, como a degradação do meio ambiente. Também observamos que os abismos econômicos criados se intensificam entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, com sérias repercussões para o futuro coletivo da humanidade.

Acreditamos que o Budismo de Nichiren Daishonin, filosofia humanística de infinito respeito pela dignidade da vida e de benevolência que abrange tudo, capacita os indivíduos a cultivar a sabedoria e a criatividade do espírito humano para vencer as dificuldades e as crises que a humanidade enfrenta. Tal capacitação faz surgir uma sociedade de coexistência próspera e pacífica.

Nós, organizações constituintes e membros da SGI, nos determinamos a hastear bem alto a bandeira da cidadania mundial, do espírito de tolerância e do respeito aos direitos humanos. Embasados no humanismo budista, no diálogo, nos esforços práticos e no firme compromisso com a não violência, dispomo-nos a desafiar as questões mundiais.

Assim, adotamos esta Carta para ratificar os seguintes propósitos:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura, visando à felicidade e ao bem-estar de toda a humanidade, inspirada no respeito budista à dignidade da vida.

2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.

3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de crença e de expressão religiosa.

4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo de Nichiren Daishonin por meio de intercâmbios, contribuindo, dessa forma, para a concretização da felicidade individual.

5. A SGI, por intermédio das organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuir para a prosperidade de suas respectivas sociedades, como bons cidadãos.

6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes, de acordo com as condições predominantes em cada país.

7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, promoverá diálogos e atuará, em parceria, para a solução de questões fundamentais da humanidade.

8. A SGI respeitará a diversidade cultural e realizará intercâmbios culturais para criar uma sociedade internacional de cooperação e de compreensão mútua.

9. A SGI visará, com base no ideal budista de simbiose, à proteção da natureza e do meio ambiente.

10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, da busca da verdade e também do desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a aprimorar o caráter e desfrutar uma vida plena e feliz.

Todos os direitos reservados à Editora Brasil Seikyo Ltda.

Editora Brasil Seikyo Ltda. Administração e redação: Rua Tamandaré, 1.040
São Paulo, SP _ CEP: 01525-000

Fones: (11) 3349-1930 / 1941 / 1942 / 1950 _ Fax: 3349-1949

CNPJ nº 61.612.891/0001-21

Matrícula na Lei de Imprensa nº 2092 - Registro no INPI nº 0060117320

Diretor-presidente: Wagner Takeshi Issami

Jornalista responsável: Júlio Tadachi China (matrícula no DRT nº 17.595)

Impressão: EGB - Editora Gráfica Bernardi Ltda.

PROPOSTA DE PAZ 2016

Respeito universal pela dignidade humana: o grande caminho da paz

Dr. Daisaku Ikeda,
presidente da Soka Gakkai Internacional

Enviada às Nações Unidas (ONU)
por ocasião do 41º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2016

Revisão: Thiago de Mello

Tradução: Juliana Ballester Sales Vieira

Colaboração: Edson Cruz

Foto da capa e quarta capa: Shutterstock

Arte: Henrique Kubota

Respeito universal pela dignidade humana: o grande caminho da paz

Revisão: Thiago de Mello

Faz trinta e cinco anos que a Soka Gakkai Internacional, entidade não governamental, ONG, mundialmente reconhecida, apoia as atividades das Nações Unidas. Por um motivo muito simples. Nascida da brasa de duas guerras mundiais, a ONU ergueu os seus objetivos: construir um mundo sem guerras, respeitar os direitos humanos e dar fim à discriminação e à opressão. Este compromisso abraça o nosso apoio. É compatível com os valores essenciais que nós, budistas, defendemos: a paz, a igualdade e a compaixão.

Toda pessoa tem o direito de ser feliz. Vale a pena trabalhar para cultivar e expandir a solidariedade entre cidadãos comuns que se comprometam a proteger esse direito e evitar sofrimentos desnecessários no mundo. O nosso apoio à ONU é a natural e necessária expressão deste anseio.

O mundo se vê assolado por crises que ameaçam de forma extrema a vida e a dignidade de inúmeras pessoas. A quantidade de refugiados, dos forçados a abandonar o lugar em que viviam, explodiu em todo o mun-

do, especialmente no Oriente Médio, onde o conflito sírio prossegue incessante. Cerca de 60 milhões de pessoas foram expulsas de suas casas em consequência de perseguições e conflitos armados.¹

Em menos de um ano, desastres naturais atingiram a vida de mais de 100 milhões de pessoas. Desses desastres, quase 90% foram causados pelas mudanças climáticas, como inundações ou tempestades devastadoras. Cada dia o planeta fica mais quente. É o chamado aquecimento global.²

A Cúpula Mundial de Ajuda Humanitária, primeira conferência organizada pela ONU sobre desastres e suas consequências, será realizada no mês de maio em Istambul, Turquia. As reuniões que antecedem a conferência vêm sendo marcadas por um crescente temor e pela dimensão de desafios sem precedentes. Tão necessário quanto a imediata cessação dos conflitos armados é o encontro de um caminho para melhorar as condições de vida e o sofrimento de tantas pessoas.



INTERCÂMBIO Integrantes da Divisão dos Estudantes do Japão recebem membros do Brasil, que retribuem com sorrisos, durante Curso de Aprimoramento da SGI (jan. 2016)

“Toda pessoa tem o direito de ser feliz. Vale a pena trabalhar para cultivar e expandir a solidariedade entre cidadãos comuns que se comprometam a proteger esse direito e evitar sofrimentos desnecessários no mundo”

Famílias que perdem os seus lares, em consequência de conflitos e desastres naturais, preocupam e logo engajam a SGI. Na cúpula de Istambul pretendemos contribuir para o debate sobre o papel das organizações *Faith-Based* (religiosas) nas iniciativas de ajuda humanitária e como edificar a solidariedade no seio da sociedade civil.

A SGI iniciou suas atividades como ONG, de *status* consultivo junto ao Departamento de Informação Pública das Nações Unidas (DIP), em 1981, e foi registrada no Conselho Econômico e Social (Ecosoc) em 1983, ano em que publiquei a minha primeira *Proposta de Paz*. A partir de então, nossas atividades crescem a serviço da paz, desarmamento, ajuda humanitária, educação em direitos humanos e desenvolvimento sustentável.

Nesta proposta, quero considerar os elementos fundamentais da abordagem em apoio às ações da ONU e oferecer reflexões e perspectivas sobre o papel da sociedade civil diante das questões mundiais, incluindo as crises humanitárias.

A profunda correnteza da humanidade

Em setembro de 2015, a ONU adotou um plano sucessor para os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), definidos em 2000 e destinados a reduzir a pobreza e a



ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS Pessoas ao redor do mundo enfrentam catástrofes naturais, tais como tempestades de neve e inundações

fome. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estão definidos no documento “Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”.

Além de continuarem o trabalho iniciado pelos ODM, as novas metas procuram desenvolver respostas abrangentes para questões críticas como as alterações climáticas e a redução do risco de desastres até 2030. A mais impressionante talvez seja a clara determinação de não deixar ninguém para trás, sintetizada na primeira meta “acabar com a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares”. Isto representa um significativo avanço nos ODM, reduzindo à metade a pobreza extrema, ao declararem que ninguém pode ser abandonado à própria sorte.

A Agenda 2030 chama atenção e enfatiza a necessidade de empoderamento, especialmente em grupos vulneráveis, crianças, idosos, pessoas com deficiência, refugiados e migrantes. Clama também pelo fortalecimento de assistência específica às necessidades especiais desses grupos e pela melhoria das condições de pessoas que vivem em áreas afetadas por emergências humanitárias ou pelo terrorismo.

“Com o crescente número de refugiados no mundo, não podemos criar um futuro melhor sem combater diretamente os desafios que esses grupos enfrentam”

Estou particularmente satisfeito com a importância central que ganhou nos ODS o princípio de não se deixar ninguém para trás, pelo qual faz tempo venho lutando. Também já solicitei que os ODS incluam a proteção da dignidade e dos direitos humanos fundamentais das pessoas deslocadas e migrantes internacionais. Com o crescente número de refugiados no mundo, não podemos criar um futuro melhor sem combater diretamente os desafios que esses grupos enfrentam. Uma das primeiras oportunidades para impulsionar a aplicação dos ODS será a Cúpula Mundial de Ajuda Humanitária, na qual problemas como a crise dos refugiados estarão em foco no debate.

DESABRIGADAS Famílias refugiadas sírias vindas de Kobani vivem num acampamento para refugiados em Suruc, Turquia (out. 2015)

Nos cinco primeiros anos do conflito na Síria, mais de 200 mil pessoas perderam a vida e quase metade da população foi expulsa de suas casas e comunidades. A devastação da guerra não poupa nada: casas e empresas, hospitais e escolas destruídos; locais de refúgio atacados; estradas fechadas agravaram a dificuldade para obter alimentos e entregar suprimentos de emergência. Em consequência, o povo da Síria, que antes da guerra estava entre os que mais acolhiam refugiados em seu país, agora, em número cada vez maior, se vê forçado à condição crescente de refugiado. Para fugir do conflito que não mostra sinal algum de abrandamento, grande número de pessoas cruza as fronteiras, onde é novamente exposto a inúmeros perigos. Muitas crianças separadas de suas famílias morreram com o surpreendente frio do Oriente Médio e as tentativas frustradas de navegar no Mediterrâneo em frágeis embarcações.

“A vida do refugiado é a de um preso na areia movediça: quanto mais você se mexe, mais afunda”.³ O ex-Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, António Guterres, citou estas palavras de um pai que fugiu da Síria para ilustrar as terríveis condições em que muitas famílias de refugiados se encontram. Para muitas pessoas, a fuga não traz segurança real, são forçadas a viver em condições de extrema incerteza e privação.

Nos países da África e da Ásia também cresce implacável o tamanho de suas populações de refugiados que perderam suas moradias. O Escritório do Alto Comissariado



RISCO Refugiados chegam à Grécia, vindos da Turquia, em barco sem qualquer segurança (out. 2015)

das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) assumiu a liderança na coordenação das atividades de socorro. Mesmo assim, grande número de pessoas padece necessidade urgente de apoio para sobreviver.

Boa parte dos refugiados e migrantes que chegam à Europa se depara com diferentes reações. Fiquei comovido com as palavras de um morador de cidade portuária italiana, divulgadas pela Inter Press Service (IPS):

Eles são feitos de carne e osso, assim como nós. Não podemos simplesmente deixar que se afoguem.⁴



MEMÓRIA Exposições *Children During Holocaust* [Crianças durante o Holocausto] e *Keeping Memory Alive* [Manter a Memória Viva] na Sede das Nações Unidas. No detalhe, a foto de Anne Frank (jan. 2012)

O artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma: “Toda pessoa sujeita a perseguição tem o direito do asilo em outros países”. Ainda mais essencial, no entanto, é o tipo de empatia manifestada por esse cidadão italiano. Essa empatia, seja qual for o critério dos direitos humanos, é a luz da humanidade que resplandece em qualquer lugar ou circunstância.

Este foi o grande tema da exposição *The Courage To Remember: The Holocaust 1939–1945 — The Bravery of Anne Frank and Chiune Sugihara* [A Coragem de Lembrar: O Holocausto de 1939 a 1945 — A Bravura de Anne Frank e Chiune Sugihara], organizada com a colaboração do Comitê da Paz da Soka Gakkai e exibida em Tóquio no outubro passado.

A mostra retrata a vida e luta de Anne Frank (1929–1945), a jovem judia que se recusou a perder a esperança, mesmo vivendo

escondida dos nazistas em Amsterdã; e a do diplomata japonês Chiune Sugihara (1900–1986), que ignorou as ordens do Ministério das Relações Exteriores do Japão e emitiu vistos de trânsito para mais de 6 mil refugiados judeus. Os registros históricos mostram que durante a intensa perseguição a judeus na Europa, diplomatas de vários países, muitas vezes em desacordo com a política oficial, agiram conforme a própria consciência para ajudar os refugiados a encontrar segurança.

Da mesma forma, muitas pessoas, como as mulheres que arriscaram a vida para sustentar a família Frank escondida, criaram redes de proteção aos refugiados judeus. Creio que esses esforços não reconhecidos de pessoas comuns, em diversos países, representam mais uma expressão do verdadeiro brilho da nossa humanidade, intacto, independente dos eventos históricos.

“Mesmo um gesto aparentemente pequeno pode ter impacto significativo, talvez decisivo, para a pessoa a quem é oferecido”

No mundo atual existem pessoas que recebem o inesperado aparecimento de refugiados em suas comunidades com profunda empatia por tanto sofrimento. Que espontaneamente estendem a mão generosa. Para quem perdeu o lar, essa atitude é importante fonte de coragem, ajuda insubstituível.

Mesmo um gesto aparentemente pequeno pode ter impacto significativo, talvez decisivo, para a pessoa a quem é oferecido. Em relação às críticas afirmando que é impossível salvar a todos, Mahatma Gandhi (1869–1948) disse a seu neto:

Nessas ocasiões, a questão é saber se conseguimos tocar a vida de uma pessoa. Não podemos cuidar de milhares. Mas se tocarmos a vida de uma pessoa e a salvarmos, é grandiosa a mudança que conseguimos realizar.⁵

As bases da ação altruísta

A convicção de Gandhi inspira não apenas a prática religiosa da SGI, mas também o nosso apoio à ONU e a outras atividades de engajamento social — a determinação de valorizar cada indivíduo.

A base do budismo é a crença na dignidade inerente a todas as pessoas. E, como a seguinte passagem dos ensinamentos de Shakyamuni indica, é despertada por um processo de autorreflexão e autoconhecimento:

A Coragem de Lembrar

A exposição *The Courage to Remember* [A Coragem de Lembrar] foi exibida pela primeira vez no teatro Tokyo Metropolitan, no Japão, em outubro de 2015. Além de retratar o Holocausto e o heroísmo de Anne Frank e de Chiune Sugihara, apresentou uma seção sobre questões atuais de direitos humanos com a mensagem de que cada pessoa tem um papel a desempenhar.

A Universidade Soka e o Centro Simon Wiesenthal foram coorganizadores, apoiados pelas embaixadas da França, Alemanha, Israel, Lituânia, Países Baixos, Polônia e Estados Unidos, e pela Delegação da União Europeia, o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia do Japão, a administração do Tokyo Metropolitan, o Conselho de Educação do Tokyo Metropolitan, o Centro de Informação das Nações Unidas e a organização sem fins lucrativos Chiune Sugihara Visas For Life. A exposição foi organizada em colaboração com o Comitê da Paz da Soka Gakkai.

Todos estremecem diante da violência: a vida é tão preciosa. Colocando-se no lugar do outro, não se deve matar nem levar alguém a matar.⁶

Em outras palavras, o budismo tem como ponto de partida o impulso humano universal de evitar o sofrimento ou o mal e o senso inegável do valor único do nosso próprio ser. Isto nos leva à conclusão de que os outros de-

vem sentir o mesmo. Na medida em que nos colocamos no lugar do outro, passamos a ter uma noção tangível da realidade do seu sofrimento. Shakyamuni nos convidou a enxergar o mundo com esses olhos de empatia e, portanto, nos comprometermos com um modo de vida que protegerá todas as pessoas da violência e da discriminação.

O altruísmo ensinado no budismo não surge da negação do eu. A consciência da inevitável dor de nossa própria existência, os laços criados pelo caminho percorrido na vida e que nos trouxeram até aqui podem nos despertar para a universalidade da angústia humana, não importam as diferenças de nacionalidade e etnia. É a recusa em ignorar qualquer forma de sofrimento não relacionado conosco que faz a nossa humanidade resplandecer.

De acordo com a descrição de Shakyamuni feita pelo filósofo alemão Karl Jaspers (1883–1969), quando o Buda declarou: “Num mundo cada vez mais sombrio, tocarei o tambor da imortalidade”,⁷ foi motivado pela convicção de que “falar para todos é falar a cada indivíduo”.⁸

Como atuais herdeiros desta virtude, os membros da SGI se empenham em compartilhar com empatia sofrimentos e alegrias das pessoas comuns e avançar junto com elas numa crescente rede de laços de vida-a-vida.

O espírito budista de valorizar cada indivíduo é enriquecido por mais uma perspectiva: a convicção de que cada pessoa, independentemente de seu caminho de vida ou de sua condição atual, tem a capacidade de iluminar o local onde se encontra no momento. Nós nos esforçamos para não julgar uma pessoa pela sua aparência atual. Em vez disso, nos concentramos na dignidade inerente à vida de cada indivíduo. Assim buscamos inspirar no outro a confiança necessária para viver com esperança, iluminado por essa dignidade.



PENSADOR Karl Jaspers foi um filósofo e psiquiatra alemão

O budismo nos incentiva a tirar lições e pontos fortes dos desafios da vida, para que possamos alcançar a felicidade pessoal enquanto transmitimos coragem para as pessoas à nossa volta e para toda a sociedade. Nichiren Daishonin (1222–1282), sacerdote budista do século 13, cujos ensinamentos são a base das atividades da SGI, enfatiza que o princípio de que todos os seres vivos podem atingir o estado de buda — que todas as pessoas possuem uma dignidade interior e ilimitado potencial — constitui a essência do Sutra do Lótus de Shakyamuni, é o coração dos ensinamentos budistas.

O Sutra do Lótus ilustra isso com uma série de encontros envolvendo Shakyamuni e outras pessoas. Por exemplo, conta-se de Shariputra, discípulo conhecido por sua capacidade de apreender os ensinamentos de Shakyamuni, que sua mente “bailou de alegria”⁹ quando sentiu, plenamente, a dignidade da sua vida. Movidos pela alegria de Shariputra ao manifestarem seu juramento e o afetuoso incentivo de Shakyamuni, quatro outros

Parábola do homem rico e seu filho pobre

No budismo, aqueles que buscam a iluminação e realizam práticas altruísticas são denominados bodisatvas e identificados pelas virtudes fundamentais da compaixão e da determinação em alcançar a sabedoria. O Sutra do Lótus revela que todas as pessoas possuem o potencial para atingir a iluminação e expressa este ensinamento revolucionário com parábolas que nos são contadas por proeminentes bodisatvas dedicados a despertar as pessoas para o enorme potencial da natureza de buda inerente.

Uma destas parábolas relata a história do filho de um homem rico que abandona seu pai e passa a viver na pobreza. Cinquenta anos depois, ele reencontra seu pai, mas não o reconhece e o abandona novamente. No entanto, o pai compassivo envia um servo para lhe oferecer um trabalho humilde. O filho aceita o trabalho e o realiza por muitos anos. Aos poucos, grandes responsabilidades são dadas ao filho até que, finalmente, o pai revela sua verdadeira identidade e o filho herda todas as suas riquezas.

O filho pobre representa as pessoas comuns que “vagueiam” pelo mundo tríplice [o mundo dos seres não iluminados que transmigram nos seis caminhos da existência], e o homem rico representa o Buda, cujo único desejo é possibilitar que todas as pessoas desfrutem do mesmo estado iluminado que ele alcançou.

discípulos também ficaram felizes: a alegria de ter encontrado esta inestimável joia — “algo que eu não procurava veio até mim”¹⁰ —, conforme consta da parábola do homem rico e seu filho pobre.

Essas narrativas demonstram que grande número de bodisatvas uniram suas vozes e se

“O budismo nos incentiva a tirar lições e pontos fortes dos desafios da vida, para que possamos alcançar a felicidade pessoal enquanto transmitimos coragem para as pessoas à nossa volta e para toda a sociedade”

comprometeram a superar todas as dificuldades para atuar em prol da felicidade das pessoas. E conforme o foco da narrativa do Sutra do Lótus voltava-se para a questão de quem daria continuidade à prática do budismo após a morte de Shakyamuni, uma multidão de bodisatvas emergiu da terra e se comprometeu a cumprir a missão em todos os lugares e em todas as épocas.

Estas cenas culminam em um coro de juramentos, à medida que os discípulos do Buda despertam alegremente para a suprema dignidade da própria vida ao encontrar seus ensinamentos. Reconhecendo essa mesma dignidade nos outros, eles juram, um após o outro, fazer brilhar o interior de sua própria vida, contagiar a vida das pessoas, e assim iluminar a humanidade.

O exemplo mais famoso é o de uma menina, filha do rei dragão, que promete salvar as pessoas do sofrimento por meio dos ensinamentos do Sutra do Lótus. Suas ações, em perfeito acordo com o seu juramento, provocaram júbilo e surpreenderam a todos os que as testemunharam. Em meio a este turbilhão de alegria, um incontável número de pessoas despertou para o valor máximo e a dignidade



WIKIPEDIA/COMMONS

SABEDORIA Tsunesaburo Makiguchi, educador e presidente fundador da Soka Gakkai, com estudantes

que existe inerentemente a cada um. Cumprindo fielmente a sua promessa, a jovem, que conforme a concepção popular da época era considerada a mais distante da possibilidade de iluminação, provocou uma reação em cadeia de alegria, provando de forma inspiradora o princípio de que todos os seres vivos podem atingir o caminho do buda. Com isso em mente, Nichiren Daishonin incentivou suas discípulas que estavam enfrentando os desafios da vida a “seguir os passos da filha do rei dragão”.¹¹

O Japão do século 13 era um lugar assolado por desastres naturais e conflitos militares. Em sua batalha para salvar as pessoas comuns do sofrimento, Daishonin contestou as autoridades, ato que provocou repetidas perseguições. Mesmo no exílio, continuou a escrever cartas de incentivo a seus discípulos e abraçava afetosamente os que viajavam grandes distâncias para encontrá-lo. Também pedia que seus discípulos lessem suas cartas juntos e apoiassem uns aos outros na luta para enfrentar e superar as provações.

Esse tipo de dedicação proativa, a alegria e o apoio mútuo estão presentes hoje nas reuniões de palestra em pequenos grupos, já uma tradição dentro da Soka Gakkai desde a sua fundação em 1930. Os participantes dessas atividades percebem que não estão sozinhos em seus problemas; e se encorajam com o exemplo dos companheiros que lutam bravamente para superar seus próprios desafios. O exemplo da renovada determinação de uma pessoa acende a chama da coragem nas demais.

Incentivar e ser incentivado. Há tempos o juramento de uma pessoa inspira o juramento de outra, desperta a força da esperança, permite que elas permaneçam inabaláveis mesmo diante de grande dificuldade. Este incentivo de vida-a-vida é o coração das reuniões de palestra da SGI.

Hoje, nossas reuniões de palestra acontecem em todo o mundo. Pessoas de todos os setores da vida, ultrapassando as diferenças de idade e gênero, posição social e circunstância, reúnem-se como membros de uma comunidade para ouvir a história única de vida de cada indivíduo e a manifestação de seu profundo sentimento. Juntos, os participantes renovam a determinação e o compromisso.

A reunião de palestra é fundamental para as iniciativas da SGI de empoderamento pelo povo, para o povo e do povo; é a expressão do nosso sentido de missão dentro da sociedade. Por meio delas, queremos recuperar a consciência das profundas e ilimitadas possibilidades de vida de cada pessoa, algo que muitas vezes fica obscurecido diante da expansão das ameaças cada vez mais complexas que nosso mundo enfrenta. Esta é a fonte de energia que conduz nossas atividades pela paz e em apoio à ONU, expressão da contínua relação entre a prática religiosa e o engajamento social. Por meio deste duplo esforço, reafirmamos



UNIÃO Integrantes do coral dos estudantes de Saitama com representantes do exterior em Curso de Aprimoramento da SGI (Japão, nov. 2014)

continuamente o nosso juramento de jamais buscar a felicidade em detrimento dos outros e fazer que aqueles que mais sofrem conquistem o direito à felicidade e criar um mundo onde a dignidade humana de todas as pessoas possa realmente florescer.

A coragem da aplicação

Em nossas atividades de apoio às Nações Unidas, nos concentramos na aprendizagem, que evidencia a prática do diálogo.

Analiso duas importantes funções da aprendizagem. A primeira possibilita as pessoas a avaliar com precisão o impacto de suas ações e a promover uma mudança positiva para si e para aqueles à sua volta.

O presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944), foi um dos pioneiros da educação humanista. Em seu livro publicado em 1930, *Soka Kyoikugaku Taikei* [Sistema Pedagógico de Criação de Va-

“A reunião de palestra é fundamental para as iniciativas da SGI de empoderamento pelo povo, para o povo e do povo; é a expressão do nosso sentido de missão dentro da sociedade”

lor] — obra de importância germinal para a SGI —, ele descreve três diferentes modos de vida como seres humanos: dependente, independente e contribuidor.

Num modo de vida dependente, a pessoa é normalmente incapaz de perceber o seu próprio potencial, desistindo de qualquer possibilidade real de transformar a sua situação e, ao contrário, acomoda-se apoiando-se nos



FUTURO DA HUMANIDADE Por meio da educação a criança empodera-se do seu valor e potencial inato

outros e no ambiente à sua volta ou segue o rumo da sociedade. Numa forma independente de vida, as pessoas querem encontrar o seu próprio caminho, mas com pouco interesse pelas que não estão diretamente envolvidas. Tendem a achar que embora a sua situação real seja difícil, cabe a elas encontrar uma solução com seus próprios esforços.

Makiguchi utilizava o seguinte exemplo para ilustrar a natureza problemática desse modo de vida. Suponha que alguém coloque uma grande pedra numa ferrovia. Não é preciso dizer que é um ato maldoso. Mas, sabe que se a pedra não for removida, o trem será prejudicado.

Em outras palavras, se alguém identifica um perigo e, por não ter pronta iniciativa, nada faz para evitá-lo, essa omissão produzirá terrível efeito.

Todos falam da gravidade de um ato maldoso, mas, inexplicavelmente, ninguém se responsabiliza pela gravidade da omissão. E os males sociais fundamentais continuam sem solução.¹²

Qualquer dúvida que não fazer o bem equivale a fazer o mal, logo se dissipa quando nos imaginamos a bordo do trem em direção ao desastre.

Na política, na economia e em outras áreas do pensamento contemporâneo, observamos uma passiva e silenciosa aceitação em sacrificar os interesses de alguns para que muitas pessoas sejam mais felizes. As armadilhas desta maneira de pensar são ilustradas pelas mudanças climáticas. A aceitação do sacrifício de outras pessoas pode corroer as bases da sobrevivência da humanidade; ainda que

não se esteja em risco no momento, em longo prazo parte alguma do planeta se manterá inalterada.

A filósofa política norte-americana Martha C. Nussbaum advertiu sobre os perigos de preferir interesses em curto prazo e apelou por iniciativas que conscientizem a cidadania global.

Mais do que em qualquer momento do passado, todos nós dependemos de pessoas que nunca vimos. E elas dependem de nós...

Nenhum de nós escapa dessa interdependência global.¹³

Estimular o potencial criativo por meio da educação e da aprendizagem expande a base de solidariedade e prepara a solução de questões mundiais.

Makiguchi afirma que devemos adotar o modo de vida que acrescente. “A autêntica felicidade é alcançada quando se compartilha alegrias e sofrimentos das pessoas como um membro da sociedade”.¹⁴ É preciso expandir essa consciência para abarcar o mundo inteiro: nada é mais valioso.

O budismo enxerga o mundo como uma teia de relações na qual nada está completamente dissociado das outras coisas. A cada momento, o mundo é formado e moldado por essa mútua relação. Quando entendemos e sentimos nas profundezas do ser o fato de que nossa existência depende dessa teia de relacionamentos, percebemos claramente que não há felicidade que seja só nossa, nem sofrimento que aflija apenas os outros.

Neste sentido, nós — agora e aqui — somos o estopim de uma reação em cadeia de transformação positiva. Capazes de resolver nossos desafios pessoais e de contribuir para

“Nossa capacidade de percepção se aprimora ao aprendermos o contexto e as causas fundamentais de problemas como a degradação ambiental ou a desigualdade humana, os quais, por sua vez, esclarecem e fortalecem a ética para abordar essas questões”

que o nosso meio ambiente e a sociedade humana caminhem numa direção correta.

Esta plena consciência de interdependência nos dá a forma, o modelo, para reconsiderar a relação entre o eu e o outro, entre nós mesmos e a sociedade como um todo. Esta é a perspectiva que o budismo nos pede.

Deste ponto de vista, a educação é vital. Ela nos leva a preencher este campo de coordenadas possíveis com a experiência da empatia que sentimos com a dor dos outros. Nossa capacidade de percepção se aprimora ao aprendermos o contexto e as causas fundamentais de problemas como a degradação ambiental ou a desigualdade humana, os quais, por sua vez, esclarecem e fortalecem a ética para abordar essas questões.

A segunda função da aprendizagem é criar coragem de perseverar na adversidade.

As consequências dos desafios que a humanidade enfrenta, pobreza ou catástrofes naturais, variam de acordo com o local e a circunstância. Como já mencionei, a respei-



PERSPECTIVA Exposição em Hiroshima sobre questões nucleares — “Rede para um mundo sem armas nucleares, escolha da coragem e da esperança” (ago. 2012)

to das alterações climáticas, os impactos de diferentes ameaças afetam qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer momento. São necessários esforços diários em cada localidade para aumentar a resiliência: a capacidade de evitar crises ou seu agravamento e a capacidade de agir com sabedoria para atender de forma dinâmica e vigorosa às difíceis consequências de um desastre.

Grande educador, Makiguchi concentrou-se em melhorar a capacidade dos alunos para compreender a importância dos acontecimentos no ambiente deles e agir de forma proativa, a qual chamou de “coragem da aplicação”.¹⁵ Para ele, o real objetivo da educação é criar o hábito de descobrir oportunidades para aplicar os conhecimentos adquiridos pelo ensino, com ações concretas e máxima eficácia.

O mestre afirmava que, além de simplesmente oferecer aos alunos a resposta certa, é “conduzir as crianças e concentrar a atenção

nas áreas onde há muitas oportunidades de aplicar o que aprenderam”.¹⁶

Makiguchi salienta a importância de criar a coragem da aplicação — a capacidade de resolver problemas com seus próprios esforços — guiado pelas percepções da natureza desses problemas, adquiridas com a aprendizagem. Com essa coragem não ficamos oprimidos por nossas circunstâncias. Ao contrário, criamos o futuro que desejamos.

Por exemplo, os perfis exatos da sociedade global sustentável, que os ODS querem alcançar, não são previamente estabelecidos ou conhecidos com clareza desde o início. Assim como crises e ameaças se manifestam diferentemente e em contextos diversos, não existe uma fórmula universal para a sustentabilidade. Ainda que a luta para alcançá-la, integrando dimensões econômicas, sociais e ambientais, traga resultados positivos, nenhum deles deve ser tomado como definitivo.

Nos últimos anos se deu ênfase crescente ao valor da resiliência como a habilidade em responder às constantes mudanças da realidade. Andrew Zoll e Ann Marie Healy afirmam: “o objetivo deve ser o dinamismo saudável, não o mergulho estagnado no âmbar”.¹⁷ Esta abordagem reflete profundamente a visão budista da realidade do mundo como teia de relacionamento.

Os contornos de uma sociedade global sustentável surgem quando cada um de nós faz um balanço das coisas que sentimos ser de valor insubstituível e age com sabedoria para protegê-las e transmiti-las para o futuro. Esta é a importância da criação de valor, aqui e agora, com nossas palavras e ações.

Ao empregar a expressão “a coragem da aplicação”, em vez de frase mais formal, “o trabalho da aplicação”, Makiguchi expressa sua fé na capacidade inerente ao ser humano de manter-se inabalável diante da adversidade e no seu compromisso com o valor ilimitado de cada indivíduo.

São maravilhosas as palavras da jovem de 17 anos do Zimbábue, no encontro Mulheres na Sede das Nações Unidas, em fevereiro do ano passado:

Somos 860 milhões de moças em países em desenvolvimento.

Somos mais do que uma estatística. Somos 860 milhões de sonhos, 860 milhões de vozes. Cada uma tem o poder de fazer a diferença!¹⁸

Com ameaças e crises cada vez maiores, perde-se de vista o significado da vida das pessoas como indivíduos e o seu potencial ilimitado. O peso dos desafios soterra a história única de cada indivíduo, seus sonhos, seus sentimentos mais íntimos e a sua capacidade



NATUREZA Alunos da Escola Soka do Brasil cultivam horta durante atividade escolar (São Paulo)

“Por meio de atividades educacionais, a SGI procura despertar a consciência das ricas possibilidades de cada indivíduo, a capacidade de ação eficaz diante da realidade”

de iniciar a transformação, dentro das suas circunstâncias imediatas. Por meio de atividades educacionais, a SGI procura despertar a consciência das ricas possibilidades de cada indivíduo, a capacidade de ação eficaz diante da realidade.

Com a exposição *Armas Nucleares: Ameaça ao Nosso Mundo*, mostrada pela primeira vez na sede da ONU em Nova York em 1982, colocamos a educação pela cidadania global no centro de nossas atividades de base para a resolução das questões mundiais. Ela incorpora as

duas funções da educação que valorizo. Estimulamos estes quatro processos interligados:

- Aprender e compreender as questões da sociedade em que se vive e os desafios que o mundo enfrenta;
- Orientar-se com as coordenadas que a aprendizagem desenvolve e se engajar num processo diário de reflexão sobre o seu modo de vida;
- Apoderar-se das ilimitadas potencialidades da sua vida; e
- Exercitar a liderança transformadora para uma nova era, com ações concretas na comunidade.

Incentivados pela referência explícita à importância que os novos ODS têm para a educação para a cidadania global, vamos intensificar ainda mais o que fazemos para alcançar estes objetivos.

O diálogo como o caminho para a empatia

Além desta abordagem baseada na aprendizagem, enfatizamos a importância do diálogo como base para nossas atividades. Minha convicção pessoal é a de que o diálogo é essencial para a construção de um mundo no qual ninguém seja deixado para trás.

Para vencer os desafios que a humanidade enfrenta é vital ter sempre em conta o que devemos proteger, quem e como protegê-lo. É a partir da perspectiva daqueles que estão mais afetados e com eles lutar. O diálogo conduz ao triunfo.

Diante de catástrofes naturais e mudanças climáticas extremas, adotou-se o Quadro para a Redução do Risco de Desastre de Sendai na Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres



ONU Evento especial do Alto Comissariado das Nações Unidas: “Ações e Pessoas para Resiliência”, na Terceira Conferência Mundial sobre a Redução do Risco de Desastres em Sendai, Japão (mar. 2015)

(RRD), realizada em Sendai, Japão, em março de 2015, que estabelece metas comuns para reduzir o número de pessoas afetadas pelos desastres até 2030. Fiquei impressionado com a atenção dedicada ao princípio de “Build Back Better” [Reconstruir Para Melhorar]: de que as tentativas de recuperação deveriam levar em conta e melhorar os desafios que afetaram uma comunidade antes do desastre. Por exemplo, mesmo que a resistência sísmica das casas dos idosos que moram sozinhos seja melhorada pela RRD, outros problemas permanecem, como a dificuldade de acesso diário a ambulatório ou lojas. O esforço de ‘reconstruir para melhorar’ resolve questões críticas que existiam antes de desastres e recuperou o local afetado.

Recordo-me desta parábola budista: certa vez, um homem viu uma casa magnífica de três andares de uma pessoa rica e achou que também poderia ter uma. Chegou em casa, contratou um carpinteiro para construí-la. O carpinteiro começou a trabalhar nos alicerces. Depois no primeiro e no segundo andar. O

homem não entendia, pressionou o carpinteiro: “Eu não preciso do primeiro e do segundo andares”. O carpinteiro respondeu: “Isto é impossível. Como espera que eu construa o segundo andar sem terminar o primeiro, ou o terceiro andar sem o segundo?”.

As respostas às crises humanitárias devem ter como base a dignidade de cada indivíduo. Os esforços de recuperação não se limitam à reconstrução física, incluem a atenção cuidadosa às questões mais básicas, como tornar melhor a vida de cada pessoa da comunidade: aprofundar os laços de apoio entre os moradores. Para alcançá-las, é fundamental ouvir as pessoas mais afetadas. Uma ironia das crises: quanto mais grave a situação das pessoas, mais difícil ouvir cada uma delas. O diálogo nos identifica com a vida de cada um e nos ensina os esforços necessários à recuperação, que não deixa ninguém para trás. Devemos nos valer da sabedoria e valiosas lições daqueles que passaram por tantos sofrimentos.

O Quadro de Sendai traz o valor do conhecimento e da experiência entre as tarefas dos cidadãos e as organizações da sociedade civil. A participação ativa e as experiências das pessoas em regiões atingidas são de importância crucial.

Foi o que mostraram o terremoto e tsunami que atingiram o nordeste do Japão, em 11 de março de 2011. Muitas pessoas afetadas pelo desastre incentivaram e apoiaram outras vítimas, tornaram-se agentes eficazes de recuperação. O contínuo apoio da SGI aos esforços de recuperação nos deu a oportunidade de aprendizagem profunda com tantas valiosas experiências de reforçar a importância crucial da voz e, em conferências internacionais posteriores, a capacidade das vítimas de desastres no processo de recuperação.



VOLUNTÁRIOS Na província de Miyagi, membros da Soka Gakkai levam mantimentos para abrigo que acolheu os desabrigados pelo terremoto de Sendai (Japão, mar. 2011)

O mesmo se aplica aos esforços para alcançar os ODS. Governos, organizações internacionais e ONGs precisam ouvir a voz das pessoas em circunstâncias difíceis, para determinar as medidas que devem ser tomadas e como garantir seu sucesso.

Refletindo sobre um mundo que está repleto de desafios e conflitos, onde boas-novas são escassas, Amina J. Mohammed, assessora especial do secretário-geral da ONU para o Planejamento do Desenvolvimento Pós-2015, afirmou que a chave para a consolidação da unificação da sociedade internacional é “encontrar um lugar para que a nossa humanidade recupere os valores que perdemos ao

longo do caminho”.¹⁹ O diálogo conduz à recuperação de qualquer pessoa, em qualquer lugar e a qualquer momento.

Em tempos de grande tensão e conflito, o diálogo pode cumprir outro importante papel: renovar os laços entre si e os outros e entre si e o mundo. Ele é a fonte de energia criadora para a renovação. Como resultado da globalização — uma das características dominantes do século 21 — inumerável quantidade de pessoas passou a viver fora de seu país de origem. Para curta temporada de trabalho, busca de oportunidades para estudar ou mesmo estabelecer nova residência. Por conta disso, observa-se em muitos países um fluxo incessante de pessoas vindas de contextos culturais diversos, oportunidades únicas de interação e intercâmbio. Entretanto, há uma incidência maior de racismo e da xenofobia.

Na minha *Proposta de Paz* do ano passado, alertei para os perigos do discurso de ódio, uma violação de direitos que não pode ser ignorada, independentemente de a quem se dirija. É fundamental que a comunidade internacional reconheça o perigo. Para a construção de sociedades que sejam resistentes à xenofobia e à apologia ao ódio, as pessoas precisam ser advertidas que estão expostas a diferentes perspectivas. O diálogo de vida-a-vida pode desempenhar um papel importantíssimo.

O ensinamento budista das quatro descrições do bosque de árvores *sal* mostra de que forma as diferenças no estado mental ou espiritual fazem as pessoas enxergar uma mesma coisa de maneira completamente diversa. Por exemplo, a visão do mesmo rio. Algumas são tocadas pela beleza das águas cristalinas, outras acham maravilhosa a variedade de peixes que nelas vive. Ou se preocupam com possíveis inundações. Convém distinguir que não são apenas diferenças na percepção de cada

Quatro descrições do bosque de árvores *sal*

O bosque de árvores *sal* refere-se a um bosque localizado ao norte de Kushinagara, na Índia, onde Shakyamuni faleceu. Acredita-se que pessoas diferentes percebam diferentemente o mesmo bosque, de acordo com seu estado de vida, e suas distintas percepções são descritas com os nomes dos quatro tipos de terras segundo a doutrina budista da escola Tiantai. Alguns considerarão o bosque de árvores *sal* como a Terra dos Sábios e dos Mortais Comuns; outros, como a Terra de Transição; outros ainda o considerarão a Terra da Verdadeira Recompensa ou a Terra da Luz Eternamente Tranquila.

indivíduo. Podem originar ações capazes de modificar a paisagem.

Um exemplo é a história de vida da minha querida amiga, a falecida Dra. Wangari Maathai (1940–2011).

Para estudar nos Estados Unidos, ela deixou a aldeia queniana em que nasceu, onde as pessoas tratavam as figueiras com verdadeira reverência: contribuía para a preservação da ecologia global. Ao retornar dos Estados Unidos, onde completou seus estudos, para o Quênia, uma cena chocante a esperava. A sua figueira querida desde a infância fora derubada pelo novo proprietário da terra para dar espaço ao cultivo de chá. Não mudou só a paisagem: o comportamento foi repetido em outros lugares, deslizamentos de terra tornaram-se mais frequentes e as fontes de água potável mais escassas.²⁰

Este é um triste exemplo de como algo precioso para uma pessoa pode ser apenas um obstáculo para outra. Os problemas decorrentes das diferenças de consciência não se limitam às relações entre os indivíduos, afetam também as relações entre grupos de distintas origens culturais ou étnicas. Há consciências que já não se afetam com o que está acontecendo.

Como seres humanos estamos propensos a compreender aqueles que estão mais próximos de nós, enquanto a distância geográfica e cultural pode gerar afastamento psicológico. A velocidade exacerbada dos processos de globalização, com os modernos meios de comunicação, pode ampliar a tendência para o estereótipo e o ódio. As pessoas começam a evitar a interação com aqueles que são diferentes, incluindo os de sua comunidade, passam a vê-los com preconceito e discriminação. Observa-se na sociedade em geral a redução de nossa capacidade de valorizar o outro como ele é e do jeito que tem de ser. Creio que a melhor maneira de mudar essa situação é escutar cuidadosamente as histórias de vida uns dos outros por meio do diálogo de vida-a-vida.

No ano passado, no Dia Mundial dos Refugiados, o Acnur lançou uma campanha de educação pública, apresentando histórias de vida de pessoas que se tornaram refugiadas e incentivando os telespectadores a repartir tais histórias com seus amigos e conhecidos. Cada uma delas é apresentada pelo personagem real, um atributo reconhecido com facilidade e que nada tem a ver com a nacionalidade — “Jardineiro. Mãe. Amante da natureza”. “Estudante. Irmão. Poeta”²¹ — e relata a sua história, o que sente sobre sua condição atual. Deparar-se com a experiência e a história de vida de uma pessoa, em condi-



MEIO AMBIENTE Wangari Maathai, fundadora do Movimento Cinturão Verde, promovendo uma discussão em grupo com membros da equipe do berçário, no Quênia (jan. 1983)

ções reais e conhecidas, permite que se veja além do rótulo, sem rosto, de “refugiado”.

Quando me encontrei com o Professor Ved Nanda, da Universidade de Denver, nos Estados Unidos, ele me contou a experiência que teve aos 12 anos, forçado a sair de sua casa pela divisão da Índia em 1947 e a caminhar durante dias com sua mãe procurando segurança. Estudou direito internacional, tornou-se um dos principais especialistas em direitos humanos e questões de refugiados. Ele escreveu:

Não há dúvida de que as experiências que tive na primeira infância tiveram uma influência profunda e eterna em minha vida. Vou me lembrar sempre da dor que senti quando fui forçado a deixar a minha terra natal.²²

O esforço do Acnur para mostrar o valor humano dos refugiados revela que a nossa compreensão de pessoas que pertencem a



UNI PHOTO/IRIN

LAR Foto do exterior de um acampamento tradicional em Ivanovka, Quirguistão, onde refugiados tadjiques participam do Dia Mundial do Refugiado (jun. 2010)

diferentes religiões ou etnias pode ser modificada pelo contato e o diálogo, mesmo com só um membro desses grupos.

Em setembro de 1974, em meio às acen-tuadas tensões da Guerra Fria, ignorei críticas e a oposição e visitei a União Soviética pela primeira vez. A convicção que me motivou foi: não precisamos temer a União Soviética tanto quanto precisamos temer a nossa ignorância da União Soviética.

Somente o conflito e a tensão não tornam o diálogo impossível. O que ergue barreiras entre nós é a disposição de permanecer ignorantes em relação aos outros. Por isso o diálogo é decisivo. Tudo começa com ele.

Em um jantar de boas-vindas na noite em que cheguei a Moscou, expressei meus sentimentos da seguinte forma:

As pessoas sentem o calor humano, o calor do coração, na luz que transborda pelas janelas do belo inverno siberiano. Desta

maneira, nos comprometemos a valorizar a luz do coração humano, independentemente das diferenças em nossos sistemas sociais.

O mesmo sentimento inspirou minha visita a Cuba décadas mais tarde, junho de 1996. Quatro meses antes, dois aviões civis americanos foram abatidos pela Força Aérea Cubana. Eu estava convencido de que o desejo comum pela paz tem o poder de superar os mais terríveis obstáculos. Preferi ficar horas e horas numa boa conversa com o então presidente Fidel Castro.

Na minha palestra comemorativa da Universidade de Havana, frisei que a educação é a nossa ponte plena de esperança para o futuro. Ali iniciamos intercâmbios educacionais e culturais que permanecem até hoje. Fiquei profundamente feliz quando, em julho do ano passado, os Estados Unidos e Cuba restabeleceram as relações diplomáticas após um hiato de 54 anos.

Embora as relações diplomáticas certamente sejam fundamentais, o diálogo e os intercâmbios locais, a compreensão efetiva da realidade e do valor da existência dos outros são ainda mais importantes. Esta visão é facilmente ofuscada por abordagens estereotipadas da vida e religiões de outros povos.

Estejamos seguros de que ao utilizarmos a amizade e a empatia para reformular o mapa mundial em nosso coração, o mundo efetivamente começará a mudar.

Meu mestre Josei Toda (1900–1958), segundo presidente da Soka Gakkai, chamou a atenção diversas vezes para o perigo de permitirmos que a opinião nacional ou a de um grupo determine nossas respostas a problemas. E esclareceu: enquanto indivíduos de diferentes nacionalidades procuram viver ao lado uns dos outros de maneira civilizada, as

“Estejamos seguros de que ao utilizarmos a amizade e a empatia para reformular o mapa mundial em nosso coração, o mundo efetivamente começará a mudar”

relações entre Estados são frequentemente marcadas pelo “exercício constante da força por trás da aparência de cultura”.²³

Ele também lamentou que diferenças ideológicas estivessem causando conflitos políticos e econômicos e que a lógica da identidade coletiva estivesse impedindo a visão de nossa humanidade. Além disso, clamou por ampla solidariedade da humanidade unida pelo anseio comum de paz, um “nacionalismo global” firmado no desejo de que “a palavra ‘miséria’ não seja mais utilizada para caracterizar o mundo, um país, ou algum indivíduo”.

Em 1996, fundei o Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política para perpetuar o legado de meu mestre. Em fevereiro, o Instituto organizará uma conferência em Tóquio sobre o potencial das religiões do mundo para contribuir na criação da paz. A conferência reunirá pesquisadores e pensadores cristãos, judaicos e budistas e incidirá sobre a capacidade da religião de aflorar os aspectos positivos da humanidade. Os participantes analisarão as maneiras de distanciar o mundo do século 21 da violência e do ódio, gerando uma nova corrente de paz e valores humanos.

Jacques Maritain (1882-1973), filósofo francês que participou da elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, exortou



MESTRE E DISCÍPULO Josei Toda e o jovem Daisaku Ikeda, em Shizuoka, Japão, em 1958

certa vez por “geologia da consciência”²⁴ que pesquisasse pontos comuns indispensáveis da ação humana além das diferenças ideológicas e filosóficas. Com suas atividades sob o tema “Diálogo das Civilizações para a Cidadania Global”, o Instituto Toda, que comemora seu vigésimo aniversário em 11 de fevereiro, está ativamente envolvido neste desafio.

O poder de tocar e incentivar pessoas em nível profundo não está em afirmações estereotipadas ou dogmas, mas nas palavras que emergem da experiência de vida de uma pessoa e carregam a força da vivência desta realidade. Os intercâmbios realizados com essa linguagem podem explorar os preciosos filões de nossa humanidade, trazendo para a superfície brilhantes riquezas espirituais que iluminam a sociedade. Esta é a convicção que me sustenta, ao longo dos anos, na condução de diálogos com pessoas de diferentes origens étnicas, culturais e religiosas.

É de fato no encontro entre as pessoas cujos caminhos na vida são diferentes que os nossos olhos se abrem para perspectivas que não estavam visíveis. É na ressonância de pessoas que se encontram na plenitude de sua humanidade que surgem as melodias de uma nova energia criadora.

Este é o verdadeiro significado do diálogo: um tesouro de possibilidades, um dínamo para a criação da história.

Compartilhar o tempo e o espaço num diálogo. A amizade e a confiança nutridas pela busca comprometida deste processo formam a base para a solidariedade entre cidadãos comuns que se esforçam para resolver as questões mundiais e criar um mundo pacífico.

Rumo a um mundo mais humano

Gostaria de propor ideias em três áreas que pedem ação rápida e coordenada dos governos e da sociedade civil:

- Ajuda humanitária e proteção dos direitos humanos;
- Integridade ecológica e redução do risco de desastres; e
- Desarmamento e proibição das armas nucleares.

Estas propostas são orientadas pelo ideal de um mundo em que ninguém seja deixado para trás. Como estabelecem os ODS.

A primeira dessas áreas decisivas são a ajuda humanitária e a proteção e promoção dos direitos humanos. Especificamente, quero oferecer duas propostas concretas para a Cúpula Mundial Humanitária que acontecerá em Istambul, maio deste ano.

Em primeiro lugar, apelo a todos os participantes da cúpula que reafirmem o princí-

“As emergências humanitárias só estão de fato resolvidas quando as crianças que tiveram a vida impactada ultrapassam as experiências amargas e avançam com a esperança no coração”

pio de que a nossa resposta ao agravamento da crise dos refugiados deve, acima de tudo, estar baseada nas leis internacionais dos direitos humanos, e exorto-os a expressar um claro compromisso com a primazia da proteção da vida e os direitos das crianças refugiadas.

O número de pessoas que perderam o seu lugar e procuram refúgio em terras estrangeiras é superior ao pós-Segunda Guerra Mundial. Nos países de destino há crescente preocupação com a expansão da instabilidade social, o aumento nos gastos do governo com a assistência humanitária e a possibilidade de infiltração de terroristas disfarçados de solicitantes de asilo. Embora cada país tome suas medidas para evitar essas situações, qualquer resposta à crise dos refugiados deve se basear no compromisso de proteger a vida e a dignidade humana. É a própria essência das leis internacionais dos direitos humanos.

Ao mesmo tempo em que perdem suas casas em desastres naturais e são forçadas a viver em abrigos temporários, o conflito e a guerra arrancam, num instante, a vida de inúmeras pessoas, roubando-lhes o próprio sentido da esperança. Acima de tudo, devemos

lembrar que as maiores vítimas do conflito armado são as crianças que constituem mais da metade dos refugiados.

O ano passado marcou o décimo aniversário da Resolução nº 1.612, medida do Conselho de Segurança da ONU para a proteção das crianças afetadas por conflitos armados. Além de proteger as crianças expostas à violência ou à exploração no meio de um conflito armado, há necessidade urgente de proteger as que fugiram das devastações da guerra.

Nos ODS, as crianças estão no topo da lista dos vulneráveis e mais gravemente afetados por várias ameaças. Anthony Lake, diretor executivo da Unicef, afirmou: “Toda criança tem o direito à dádiva da tranquilidade de uma infância normal”.²⁵ Proteger o direito das crianças de desfrutar esta dádiva deve ser o alicerce de apoio internacional para as pessoas longe do seu lugar.

As emergências humanitárias só estão de fato resolvidas quando as crianças que tiveram a vida impactada ultrapassam as experiências amargas e avançam com a esperança no coração. Para as pessoas forçadas a abandonar suas casas e que se empenham na reconstrução de sua vida em novo local, a presença de crianças sorrindo, repletas de esperança, é fonte de inspiração e força.

Meu segundo apelo à Cúpula Mundial Humanitária é que chegue a um acordo que fortaleça os programas da ONU em apoio aos países de destino que acolhem refugiados no Oriente Médio e priorize um tratamento semelhante em outras regiões da Ásia e da África.

Estatísticas da ONU mostram que perto de nove em cada dez refugiados procuraram segurança em regiões e países considerados menos desenvolvidos economicamente.²⁶ O esmagador número de pessoas desabrigadas colocou esses locais de destino, já vulnerá-



ÁFRICA A agência de refugiados da ONU (Acnur) reiniciou em 18 de dezembro de 2015, o repatriamento voluntário de dezenas de milhares de refugiados marfinenses da Libéria, depois de uma pausa de mais de um ano. Cena do centro de Tabou, sudoeste da Costa do Marfim (dez. 2015)

veis, sob grande tensão, a ponto de terem dificuldade em fornecer acesso à água potável e a outros serviços públicos. Muitos deles são incapazes de continuar apoiando os refugiados sem a cooperação internacional.

O preâmbulo da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados refere-se à concessão de asilo que pode causar “encargos indevidamente pesados” a certos países e afirma que a solução satisfatória não pode ser alcançada sem a cooperação internacional. Considero vital para a comunidade global ter em mente o espírito de cooperação internacional, que inspira a Convenção, em atender as necessidades de refugiados e pessoas desabrigadas em seu próprio país.

Na minha *Proposta de Paz* do ano passado (2015), solicitei o desenvolvimento de programas regionais de empoderamento nos quais projetos de assistência educacional e de emprego incluiriam o refugiado e as populações locais, especialmente jovens e mulheres nos países anfitriões.

Atualmente, uma iniciativa das Nações Unidas, que combina operações de socorro a refugiados com suporte para os locais de destino, será realizada em cinco países do Oriente Médio. Este novo programa de ajuda, Plano Regional para os Refugiados e Resiliência (3RP), foi criado para prestar apoio direto aos refugiados sírios e às populações dos países anfitriões, melhorando a qualidade de vida e oportunidades de emprego com o desenvolvimento da infraestrutura social local. O programa destina-se a criar uma estrutura de cooperação internacional para ajudar a estabilizar a região e aliviar os encargos enfrentados pela Turquia e pelo Líbano, que aceitaram mais de um milhão de refugiados cada um, como as pressões sofridas pelos vizinhos Jordânia, Iraque e Egito, onde grande número de sírios procurou refúgio. Até o momento, o 3RP contribuiu para melhorar a distribuição de alimentos e água potável, os cuidados com a saúde e outros serviços. Em dezembro do ano passado, foram anunciadas política básica e objetivos concretos para o futuro destas iniciativas. Incentivo os participantes da Cúpula Mundial Humanitária a discutir e refletir sobre o 3RP, a fim de partilhar as melhores práticas e desafios e expressar seu compromisso de atuar de forma solidária para o avanço dessas atividades, inclusive a cooperação de financiamento. Solicito também ao governo japonês que, com a sua experiência, estenda a ajuda humanitária para a Síria e à região, para que ampliem a assistência aos refugiados, especialmente a garantia de um futuro melhor para as crianças refugiadas.

Na Turquia, Líbano e em outros lugares, as crianças já frequentam escolas públicas locais ou centros de educação temporários. Entretanto, mais da metade das crianças sírias deslocadas ainda não tem acesso às escolas. A ONU instituiu planos de expansão das oportu-



JOVENS Participantes num evento comemorativo do Dia Internacional da Juventude, na sede das Nações Unidas, em Nova York (ago. 2015)

tunidades educacionais para crianças refugiadas. A União Europeia trabalha, junto com a Unicef, pela educação das crianças deslocadas na Síria e nos países vizinhos. Tenho ardente esperança de que o governo japonês também faça a sua parte no êxito desse plano. Em parceria com o Acnur, várias universidades japonesas promoveram um programa de Ensino Superior para Refugiados que oferece cursos de graduação. Espero que outras oportunidades educacionais estejam disponíveis para a geração mais jovem.

É importante que a sociedade civil colabore com a resposta às prioridades humanitárias, como a crise dos refugiados. Pelo mesmo objetivo de criar um mundo onde a dignidade de todas as pessoas seja respeitada, a SGI redobra esforços para a educação em direitos humanos.

Este ano marca o quinto ano da adoção da Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos, na qual, pela primeira vez, os Estados-membros

da ONU concordam com padrões internacionais para essa imprescindível educação. Em virtude do aumento global de casos de discriminação racial e xenofobia, especialmente o preconceito e o ódio contra os refugiados, pessoas deslocadas e migrantes, acredito que dois aspectos da declaração são particularmente importantes:

- Promoção do desenvolvimento do indivíduo como membro responsável por uma sociedade livre, pacífica, pluralista e inclusiva;
- Contribuição para a prevenção das violações e abusos dos direitos humanos e para o combate e erradicação de todas as formas de discriminação, racismo, estereótipos e de incitação ao ódio e preconceitos que os reforçam.²⁷

A questão, aqui e agora, é que não basta simplesmente abster-se de comportamentos discriminatórios. É indispensável um *ethos* que rejeite claramente todas as formas de violação dos direitos humanos enraizadas no preconceito e no ódio. Em outras palavras, ajudar a cultura universal dos direitos humanos a enraizar-se na construção de sociedades verdadeiramente inclusivas.

Já me referi à advertência do primeiro presidente da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi, de que falhar no fazer o bem dá no mesmo que fazer o mal. Na construção de uma cultura universal dos direitos humanos, para a qual valem muito o comportamento e as ações de cada indivíduo, renovemos a nossa consciência da gravidade de não fazer o bem. A Declaração não se limita à aquisição de conhecimentos sobre os direitos humanos ou o aprofundamento da sua compreensão, mas inclui explicitamente o desenvolvimento de

“É importante que a sociedade civil colabore com a resposta às prioridades humanitárias, como a crise dos refugiados. Pelo mesmo objetivo de criar um mundo onde a dignidade de todas as pessoas seja respeitada, a SGI redobra esforços para a educação em direitos humanos”

atitudes e comportamentos. Ela define a educação e formação em direitos humanos como “um processo permanente que envolve todas as idades”.²⁸ São elementos indispensáveis para o florescimento de uma cultura de direitos humanos.

Como organização da sociedade civil, a SGI apoiou esta importante Declaração das Nações Unidas desde a fase de elaboração. Com a sua adoção na Assembleia Geral, em dezembro de 2011, apoiamos os seus objetivos realizando exposições de sensibilização e juntos produzimos um documentário, *A Path to Dignity: The Power of Human Rights Education* [Um Caminho para a Dignidade: O Poder da Educação em Direitos Humanos].

Em 2013, a Anistia Internacional, a Associação de Educação em Direitos Humanos e a SGI lançaram Educação em Direitos Humanos 2020 (EDH 2020), uma aliança da sociedade civil global. Para apoiar e pro-

mover a Declaração e o Programa Mundial da Educação em Direitos Humanos, a EDH 2020 publicou *Humans Rights Education Indicator Framework* [Quadro Indicador para Educação em Direitos Humanos], um recurso para ser utilizado como guia para melhorar a qualidade desta educação em diferentes contextos nacionais.

No marco do quinto aniversário da adoção da Declaração, a SGI e outras instituições que atuam, em conjunto, avançam nos preparativos de nova exposição sobre os direitos humanos, que divulgará os temas dos novos ODS, a partir da perspectiva dos direitos humanos. Espero que esta nova exposição inspire um renovado compromisso com o tipo de ação que ajude a criar um mundo onde a dignidade de todas as pessoas seja respeitada.

Integridade ecológica e redução do risco de desastres

Proponho, agora, algumas reflexões sobre questões ambientais atuais e a redução do risco de desastres.

O primeiro tema a destacar é a redução das emissões dos gases de efeito estufa causadores do aquecimento global. A 21ª Conferência das Partes (COP21) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (CQNUAC), realizada de 30 de novembro a 11 de dezembro do ano passado (2015), adotou o Acordo de Paris como novo quadro internacional de esforços de combate ao aquecimento global.

A adoção do Acordo de Paris é inovadora, visto que 195 países se comprometem a tomar medidas que se posicionam contra o cenário de crescente preocupação com as graves consequências que a humanidade terá de enfrentar se a temperatura média global não for mantida 2°C abaixo dos níveis pré-indus-



IMPACTO AMBIENTAL Imagem mostra o desmatamento na floresta tropical no Acre. Florestas foram queimadas para criar pastos temporários para o gado (ago. 1989)

triais. Cada governo estabeleceu uma meta e, embora sem validade jurídica, concordou em implementar iniciativas políticas para o seu êxito.

A luta contra o aquecimento global é um grande desafio. A participação quase total dos governos deve ser reconhecida como a grande força do Acordo de Paris. Porque ajudará a criar uma cooperação na qual cada país contribuirá da melhor maneira para o bem público mundial. A Ásia é uma região que enfrenta uma incidência maior de eventos climáticos extremos. Em face disso, gostaria de pedir a cooperação entre China, Japão e Coreia do Sul — juntos respondem por um terço das emissões mundiais dos gases de efeito estufa²⁹ — no encontro de iniciativas substanciais e inovadoras.

Em novembro do ano passado, a Sexta Cúpula Trilateral entre China, Japão e Coreia foi realizada em Seul, após um hiato de três anos e meio. Alertei sobre a necessidade de superar tensões políticas e de reunir estas cúpulas trilaterais em propostas anteriores e em ou-

UN PHOTO/ESKINDER DEBERE

PACTO GLOBAL Encerramento da Cúpula do Clima para líderes locais, em Paris, durante conferência sobre mudança climática das Nações Unidas (COP21) (dez. 2015)



tras publicações. Estou particularmente satisfeito com a declaração de que a cooperação foi completamente retomada e pelo acordo de realização de encontros regulares.

O trabalho no campo da integridade ambiental foi o que impulsionou e se manteve no cerne da cooperação trilateral. O *Tripartite Environment Ministers Meeting* (TEMM) [Encontro Trilateral de Ministros do Meio Ambiente] concluiu que o Nordeste da Ásia é “uma comunidade ambiental”.³⁰ Reuniões anuais dos ministros do meio ambiente continuam a contribuir para a cooperação em questões ambientais, mesmo em momentos de fortes tensões políticas.

Na esperança de incentivar maior colaboração ambiental, pedi, ano passado, que os três países se esforçassem para estabelecer um acordo formal que torne a região um modelo de sustentabilidade. E se, além da redução da poluição atmosférica e do combate às tempestades de areia, crescesse a coo-

peração regional na luta contra as alterações climáticas, seria importante forma de cumprir as metas estabelecidas em cada país no Acordo de Paris.

Concretamente, deve ser repartido o conhecimento e as experiências positivas nos campos de eficiência energética, energia renovável e o resultado dos esforços para minimizar os impactos de recursos das atividades econômicas. Esta sinergia entre os três países acelera a transição para um futuro menos poluente.

Este ano o Encontro Trilateral acontece no Japão, com uma Cúpula Trilateral da Juventude, na qual jovens representantes discutirão formas de cooperação em prol da paz e da integridade ambiental no nordeste da Ásia. Peço aos líderes dos três países que assumam um compromisso ambiental de cooperação no combate, em toda a região, das alterações climáticas até 2030, ano-limite do Acordo de Paris.



EDUCAÇÃO AMBIENTAL Instituto Soka — Centro de Pesquisas e Estudos Ambientais do Amazonas (Cepeam)

Espero também que a Cúpula de Jovens tenha uma plataforma para compartilhar ideias criativas, melhores práticas e apoie o intercâmbio entre jovens nas suas propostas de empreendimentos inovadores.

Além dessa cooperação intergovernamental, proponho que as cidades trabalhem solidárias, criando condições para que sejam alcançados os objetivos do Acordo de Paris. Embora as cidades só ocupem 2% da área terrestre do planeta, elas são responsáveis por 75% das emissões de carbono e mais de 60% do consumo de energia.³¹ O impacto ambiental das cidades é desproporcionalmente grande. Sim, mas se as cidades mudarem, o mundo mudará.

A densidade das populações urbanas sinaliza que os problemas estão concentrados num só lugar: o impacto ecológico. Esta densidade, no entanto, facilita a aplicação efetiva de medidas de eficiência energética e a ado-

ção de fontes de energia renováveis levando a sociedade à emissão de menos carbono.

Lançado em 2014 na Cúpula do Clima das Nações Unidas, o Pacto Global dos Prefeitos, que já abrange mais de 400 cidades no mundo, compromete cada uma, publicamente, com planos e metas de mitigação.

Assim que as ações e esforços das cidades começarem a dar frutos, os cidadãos locais vão ter um sentimento concreto de realização. De convicção e orgulho. Mais pessoas vão participar da iniciativa, surge um ímpeto mais forte para uma sociedade sustentável. Creio que as cidades podem criar ondas de impulso aos esforços de cada país para cumprir as suas metas do Acordo de Paris.

Antes mesmo da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), realizada em 2012 — início do processo de deliberação efetiva para os ODS — eu

“Independentemente do país ou da cidade em que residem, creio que as pessoas têm o desejo de deixar para filhos e netos um ambiente melhor”

já expressara o meu desejo da criação de metas pós-2015 para que cada pessoa se comprometesse e inspirasse o trabalho de todos pela sua realização.

Um dos objetivos incluídos na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é o das cidades sustentáveis. O conjunto de esforços empreendidos pela circunvizinhança gera impactos positivos significativos sobre o meio ambiente mundial. O tema das cidades sustentáveis demonstra às pessoas que os seus esforços florescem num sentimento de realização e orgulho.

A Conferência das Nações Unidas sobre Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável (Habitat III) está programada para Quito, Equador, em outubro deste ano (2016). Nesta reunião, além de representantes dos governos nacionais, representantes de entidades subnacionais podem expressar suas opiniões e participar de melhores práticas, solidários com o objetivo mundial de cidades sustentáveis.

A ambientalista Wangari Maathai recorda sua experiência na Habitat I, Conferência realizada em Vancouver, Canadá, em 1976, que a inspirou a fundação do Movimento Cinturão Verde no Quênia:

Os belos arredores da Colúmbia Britânica e o engajamento de pessoas que tinham a mesma preocupação minha sobre a evolução do ambiente me deram a força de que eu precisava... Retornei ao Quênia reenergizada e determinada a pôr em prática a minha ideia.³²

Independentemente do país ou da cidade em que residem, creio que as pessoas têm o desejo de deixar para filhos e netos um ambiente melhor.

Já pedi a cooperação em nível nacional entre China, Japão e Coreia. Agora proponho a realização de um fórum pela cooperação ambiental dos três países e a Habitat III, com a participação de representantes dos governos subnacionais e das ONGs que se ocupam das questões do meio ambiente.

Em evento paralelo à Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres, realizada em Sendai, março do ano passado, a SGI patrocinou um simpósio com representantes de organizações da sociedade civil envolvidos na RRD, da China, Japão e Coreia. Chen Feng, vice-secretário-geral da Secretaria de Cooperação Trilateral intergovernamental, que apoiou o simpósio, deixou bem claro que, vizinhos próximos, um desastre num país também causará dor para os outros dois e que, por essa razão, a cooperação na RRD deve ter sempre prioridade.³³ O mesmo pode ser dito em qualquer questão ambiental.

Mais de 600 localidades na China, Japão e Coreia já estabeleceram relações de cidades-irmãs. Esforços trilaterais ajudam a construir uma herança inestimável de amizade pelo futuro e desenvolve, graças a essas relações de cidades-irmãs, um entendimento aprofundado de que as cidades, municí-

“Essas atividades locais sustentáveis abrem caminho seguro e eficaz para a proteção do meio ambiente mundialmente”

pios e vilas onde moramos são parte de uma mesma comunidade ambiental.

O segundo tema que preciso discutir é a redução do risco de desastres, considerando os Ecossistemas (Eco-RRD). Hoje, cerca de 800 milhões de pessoas sofrem com a fome e a desnutrição. Aproximadamente 30% dos recursos do solo do mundo, base para a produção mundial de alimentos, passam por algum grau de degradação.³⁴

O solo saudável é de principal importância no ciclo do carbono e no armazenamento e filtragem de água, portanto, componente crucial do ecossistema. Mas, já faz tempo não recebe a atenção que merece. Uma vez degradado, o solo não se recupera facilmente: pode levar mais de cem anos para reconstituir apenas um centímetro. Embora o ritmo concreto do desmatamento global tenha diminuído, 13 milhões de hectares de floresta ainda são perdidos a cada ano, causando o grave impacto ambiental da perda da biodiversidade.³⁵

Um dos ODS expressa a importância de deter e reverter a degradação dos solos e da gestão sustentável das florestas do mundo. São desafios urgentes para proteger a integridade ecológica do nosso planeta e melhorar a captação de carbono.

Nos últimos anos, tem atraído cada vez mais a atenção o papel que as iniciativas para proteger o meio ambiente desempenham na redução do risco de desastres. A experiência

do tsunami no Oceano Índico em 2004 ampliou essa consciência. Estudos descobriram que as comunidades costeiras, onde as florestas de mangue servem de barreiras biológicas sofreram, significativamente, danos menores do que as áreas costeiras onde não havia essa proteção.

Exemplos de projetos Eco-RRD incluem plantações de reparação para conter dunas de areia, de uso nas zonas úmidas para atenuar tempestades e ecologização de cidades no gerenciamento das águas pluviais.

Cabe destacar o valor que surge do engajamento ativo e contínuo das pessoas de uma localidade. Em regiões atingidas pelo terremoto e tsunami de 2011 no nordeste do Japão, as crianças se envolveram ativamente no trabalho de plantar mudas para recuperar as florestas costeiras. Estas ações aprofundam o senso comum da importância do ecossistema local e convida um crescente grupo de participantes a imaginar como as árvores que estão plantando hoje vão proteger a vida das pessoas.

Num futuro próximo, quando eles passarem pelo lugar do plantio, darão à paisagem um sentido mais profundo do seu valor. Sentirão a importância essencial, ainda que inefável, do ecossistema no qual se inserem, do caráter inestimável de seu próprio envolvimento no apoio ao meio ambiente e de seu cuidado com a redução do risco de desastres. Essa consciência crescerá com as árvores que plantaram, firmando as raízes profundas de uma comunidade de fato resiliente. É assim que os esforços das pessoas em proteger o seu ecossistema têm o efeito direto de nutrir um futuro promissor para o lugar.

Recentemente foi lançado o Programa de Ação Global de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) que acompanha a Década das Nações Unidas da Educação



SUSTENTABILIDADE
Exposição *Sementes da Esperança*, na cidade de Mumbai, Índia, no hotel Taj Mahal Palace (jun. 2014)

para o Desenvolvimento Sustentável (DEDS). A participação da juventude é uma das prioridades do programa. Incentivo sinceramente os jovens e as crianças de todos os lugares a participar ativamente do Eco-RRD, em atividades como campanhas para plantar árvores.

O Quadro de Sendai adotado na Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres, em março do ano passado, salienta que a RRD "exige engajamento e cooperação de toda a sociedade"³⁶ e identifica crianças e jovens como "agentes de transformação",³⁷ que deveriam ter espaço e modos de contribuir para a RRD.

Desde que a SGI, em conjunto com outras ONGs, propôs a criação da DEDS em 2002, realizamos exposições de sensibilização, *Sementes da Mudança: A Carta da Terra e o Potencial Humano* e *Sementes da Esperança*:

Visões de Sustentabilidade, Passos rumo às Mudanças ao redor do mundo. Ao longo dos anos, numerosos alunos, do ensino fundamental ao ensino médio, visitaram as exposições, tornando-as uma ferramenta eficaz para a educação ambiental.

Uma das razões pela qual a SGI dá grande importância à EDS é o incentivo da aprendizagem sobre os indissolúveis laços entre os seres humanos e seu meio ambiente e a promoção de ondas de pessoas de todas as idades que reúnam a "coragem da aplicação", que o presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi, considera objetivo essencial da educação. Esperamos que isso os incentive a agir com determinação em suas respectivas localidades. Essas atividades locais sustentáveis abrem caminho seguro e eficaz para a proteção do meio ambiente mundialmente.



SHUTTERSTOCK

CÚPULA GENBAKU Horizonte da cidade de Hiroshima, Japão, sobre o rio Motoyasu, próximo ao Memorial da Paz de Hiroshima

Desarmamento e Proibição das armas nucleares

Faço, por fim, propostas sobre o desarmamento e a proibição das armas nucleares.

A primeira delas diz respeito ao fortalecimento da estrutura institucional para prevenir a proliferação das armas convencionais, que agravam as crises humanitárias e contribuem para o terrorismo no mundo inteiro.

Todos os anos, um número inconcebível de vidas é perdido devido ao influxo de armas de pequeno calibre em áreas de conflito.

O Tratado de Comércio de Armas, de 24 de dezembro de 2014, firmado para regular o comércio de armas convencionais, desde armas de pequeno porte — muitas vezes denominadas como “as verdadeiras armas de destruição em massa” — até tanques e mísseis. No entanto, até agora só foi ratificado por 79 Estados e nenhum acordo foi feito sobre questões fundamentais, como um mecanismo de informação sobre transferências internacionais de armas.

A Primeira Conferência dos Estados Partes no Tratado de Comércio de Armas foi realizada em Cancún, México, em agosto de 2015. Os participantes não chegaram a um consenso sobre questões fundamentais, como a elaboração de relatórios que ficariam à disposição do público e esclarecimento sobre quais armas deveriam prestar informações.

Apelo repetidamente pela regulação do comércio de armas, desde a minha *Proposta de Paz* de 1999, porque é um desafio essencial para a construção de um mundo de paz neste século.

O agravamento da crise de refugiados ilustra a necessidade urgente de usar o Tratado de Comércio de Armas para acabar com a proliferação das chamadas convencionais. A disponibilidade generalizada dessas armas contribui para o fortalecimento e prolongamento do conflito, obrigando grande número de pessoas a sair de suas casas. Ao inverso, mesmo após o fim, o perigo de um novo desencoraja as pessoas a retornar a suas casas.

Armas de pequeno calibre são facilmente transportadas e manipuladas, facilitando o recrutamento forçado de crianças como combatentes. Estima-se que haja mais de 300 mil crianças-soldados em todo o mundo, que enfrentam danos físicos, traumas psicológicos e morte.³⁸

Além disso, é vital a estrita regulamentação do comércio internacional de armas convencionais, para evitar a proliferação do terrorismo. A reação mundial ao terrorismo se reforça significativamente com a sinergia entre o Tratado de Comércio de Armas e as numerosas convenções antiterror em vigor.

Levando em consideração todos os impactos nocivos da proliferação das armas de pequeno calibre, a comunidade internacional deve usar com urgência o Tratado de Comércio de Armas para interromper os ciclos de ódio e violência em todo o mundo.

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável enumera fluxos ilícitos financeiros e de armas entre os fatores que dão origem a violência, insegurança e injustiça. Reduzi-los significativamente até 2030 é uma das metas. Clamo aos Estados que sancionem imediatamente o Tratado de Comércio de Armas, como prova do seu compromisso com este objetivo.

A completa divulgação pública, incluindo o volume de transações de armas, contribuiria para que o Tratado funcione com maior transparência e mais eficácia.

O segundo ponto sobre desarmamento que abordarei diz respeito à proibição e à eliminação das armas nucleares.

Ano passado — o septuagésimo aniversário do bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki — realizou-se a Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) na sede da ONU em Nova York, que terminou sem consenso.

Desde que o Documento Final da Conferência de Revisão do TNP de 2010 citou a natureza desumana de qualquer uso de armas atômicas e a necessidade de respeitar o Direito Internacional Humanitário, aumentou a preocupação mundial sobre as consequências humanitárias catastróficas dessas armas e foram realizadas três conferências internacionais sobre a questão.

É lamentável que o abismo entre os Estados que possuem e os que não possuem armas nucleares não tenha sido ultrapassado na Conferência de Revisão de 2015. Os Estados-membros do TNP foram incapazes de chegar a um consenso neste momento histórico.

Ainda há esperança, no entanto, graças a uma série de significativos desenvolvimentos que incluem:

- Um número crescente de países que apoiam o Compromisso Humanitário, a determinação de trabalhar em bloco para a resolução da questão das armas nucleares;
- A adoção, pela Assembleia Geral da ONU, em dezembro de 2015, de audaciosas resoluções necessárias para o avanço; e
- Os amplos esforços de organizações religiosas e a participação de jovens neste cenário de crescentes apelos da sociedade civil pela proibição e eliminação das armas destruidoras.

Devemos aproveitar estes novos desenvolvimentos para a criação de planos por um mundo sem armas nucleares e iniciar ações concretas pela sua realização.

Em 6 de janeiro deste ano, a Coreia do Norte realizou um teste nuclear, aumentando ainda mais as preocupações da comunidade



APOIO Conferência pelo Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares, nas Nações Unidas (CTBT) (set. 2005)

internacional com a ameaça da proliferação atômica. Se armas malignas forem utilizadas num enfrentamento em qualquer lugar do mundo, o impacto — em número de vidas perdidas ou de pessoas que sofreriam sequelas — é inimaginável.

Existem no mundo mais de 15 mil armas atômicas. A sua utilização tornaria inútil todos os esforços da humanidade para resolver num instante os problemas mundiais.

Tomando como exemplo a crise dos refugiados, as consequências de uma explosão nuclear atravessariam fronteiras nacionais,

criando, com certeza, uma crise humanitária de proporção muito maior do que os atuais 60 milhões de envolvidos. Centenas de milhões de pessoas poderiam sair à procura de segurança. Da mesma forma, por mais elevado que seja o número de pessoas evitando a degradação do solo, uma explosão nuclear poluiria vastas extensões de terra — na qual um centímetro levaria mil anos para se reconstituir.

Uma pesquisa recente alerta sobre o impacto devastador de uma investida nuclear, ainda que limitada geograficamente, na ecologia mundial. O impacto no clima do planeta prejudicaria a produção de alimentos, uma “fome nuclear”.

Até o momento, os esforços para combater a pobreza e melhorar a saúde pública pelos ODM produziram resultados significativos. Este trabalho continua com o quadro de acompanhamento, os ODS, em áreas da redução do risco de desastres e cidades sustentáveis. A existência de armas nucleares ameaça anular tudo isso.

Qual é então o propósito da segurança nacional garantida pelas armas nucleares, se sua utilização produz inevitavelmente consequências catastróficas e resulta em imenso sofrimento e sacrifício para todo o mundo? Em que consiste exatamente o que está protegido por um regime de segurança que tem como premissa a possibilidade de causar danos irreparáveis para um grande número de pessoas? Não é este um sistema no qual o verdadeiro objetivo de segurança nacional — proteger as pessoas e sua vida — foi de fato abandonado?

Em 1903, no início da fase de competição militar mundial que continua até hoje, o presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi, argumentou que, quando determinado modo de competição se mostra ine-

ficaz em atingir suas finalidades, impulsiona uma transformação na forma e na natureza da competição humana.

Quando hostilidades persistem durante um longo período de tempo, vários aspectos da vida doméstica são afetados, conduzindo inevitavelmente ao esgotamento da força de cada nação. Essas perdas não podem ser compensadas pelo que se ganha com a guerra.³⁹

As limitações da competição militar que Makiguchi observou tornaram-se inegavelmente evidentes ao longo de duas guerras mundiais e na competição nuclear que começou durante a Guerra Fria e persiste até hoje.

Como o impacto humanitário e a limitada eficácia militar das armas aniquiladoras se tornaram mais evidentes, a existência delas é, em essência, inútil. Por ter alcançado os limites da competição militar, agora podemos ver sinais da emergência de um novo modo de competição internacional, erguido pelo esforço mútuo dos objetivos humanitários.

Um exemplo está nas várias contribuições feitas pelo Sistema Internacional de Monitorização (SIM) surgido com a aprovação do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT) em 1996. O CTBT ainda não foi ratificado por oito dos países cuja legitimação é necessária para entrar em vigor, mas já está em operação o SIM, lançado pela Comissão Preparatória da CTBTO para detectar uma explosão nuclear em qualquer lugar do mundo.

A sua principal função foi novamente demonstrada na rápida detecção das ondas sísmicas e da radiação a partir do recente teste nuclear norte-coreano. Além disso, a rede mundial SIM é usada para reunir dados sobre

Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT)

O Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT) proíbe todas as explosões experimentais de armas nucleares ou explosões atômicas. Para fiscalizar a adequação às suas normas, o Tratado estabelece uma rede mundial de monitoramento e permite inspeções em locais com ocorrências suspeitas. A Comissão Preparatória da Organização do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBTO, na sigla em inglês) foi criada em 1996, com sede em Viena, Áustria. A organização é provisória e tem a responsabilidade de elaborar o sistema de verificação do CTBT, preparatório à entrada do Tratado em vigor, e de incentivar todos os países a assinar e ratificar o Tratado.

Cento e oitenta e três países já assinaram o Tratado e, destes, 164 também o ratificaram, incluindo três que possuem armas nucleares: França, Federação da Rússia e Reino Unido. No entanto, 44 países que possuem tecnologia nuclear devem assiná-lo e ratificá-lo antes que o CTBT entre em vigor. Destes, ainda faltam oito: China, Egito, Índia, Irã, Israel, Coreia do Norte, Paquistão e EUA. Índia, Coreia do Norte e Paquistão ainda têm de assinar o CTBT.

desastres naturais e o impacto das alterações climáticas. Que incluem: fornecimento de informações sobre terremotos submarinos aos centros de alerta de tsunami; vigilância em tempo real de erupções vulcânicas para que as autoridades da aviação civil emitam alertas; o monitoramento de eventos climáticos

de grande escala e a queda dos bancos de gelo. O sistema é comparado a um estetoscópio gigante para a Terra.

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, observou: “Mesmo antes de entrar em vigor, o CTBT está salvando vidas”.⁴⁰ De fato, o Tratado e o seu regime de verificação, originalmente concebidos para conter a corrida pelas armas nucleares e proliferação nuclear, tornaram-se defesas humanitárias essenciais, protegendo a vida de inúmeras pessoas.

Este Tratado foi adotado há vinte anos. Peço aos oito Estados restantes que ratifiquem o CTBT, assim que possível, para reforçar a sua eficácia e garantir que as armas desumanas nunca mais sejam testadas de novo em nosso planeta.

Naturalmente, devemos acelerar os esforços pelo desarmamento atômico e sua abolição. Ao mesmo tempo, devemos continuar a desenvolver atividades que surgiram a partir do CTBT, para impulsionar um mundo que dê prioridade maior a objetivos humanitários.

Em setembro de 1957, no meio do agravamento do antagonismo da Guerra Fria e da corrida armamentista nuclear, meu mestre, Josei Toda, fez uma declaração solicitando a abolição das armas nucleares:

Ainda que neste momento cresça no mundo inteiro o movimento para abolir os testes nucleares, meu desejo é atacar o mal pela raiz: cortar as garras ocultas na sua origem.⁴¹

Ao mesmo tempo em que expressa sua compreensão pelo brado das pessoas em todo o mundo pedindo a proibição de testes nucleares, Josei Toda foi além e insistiu: a verdadeira solução só é possível quando superarmos o desrespeito pela vida, subordinada ao sistema de segurança nacional que tem como premissa o sofrimento e o sacrifício de inúmeras pessoas comuns.

O Compromisso Humanitário

Atualmente são conhecidas e consideradas significativamente mais graves do que o foram no passado as consequências imediatas, de médio e longo prazo, de qualquer explosão de arma nuclear. O uso delas teria efeitos regionais ou mesmo mundiais, ameaçando a sobrevivência de toda a humanidade, de modo que os Estados dividam a responsabilidade de evitar o seu uso. No entanto, essas armas de destruição em massa não são proibidas pelo direito internacional; o Compromisso Humanitário é um acordo para preencher esta inaceitável lacuna jurídica.

O Compromisso Humanitário foi estabelecido como Compromisso Austríaco em 9 de dezembro de 2014, na conclusão da Conferência de Viena sobre o Impacto Humanitário das Armas Nucleares. O documento, agora assinado por 121 Estados, busca impulsionar o início das negociações de um tratado que proíba de forma abrangente as armas nucleares.

Leia o texto completo em: <www.icanw.org/pledge/>.

O que meu mestre chama de “garras” escondidas nas profundezas das armas atômicas é a forma tóxica do pensamento que permeia a civilização contemporânea: a conquista de seus objetivos a qualquer custo, por sua segurança e interesses nacionais em detrimento das pessoas de outros países e por metas imediatas que sacrificam gerações futuras. Com suas palavras ecoando no meu coração, trabalho para eliminar a ameaça das armas nucleares. Acredito que o sucesso deste desafio coloca o mundo num caminho novo e mais humano.

Estados com armas de destruição em massa e seus aliados aderiram à ideia de que eles não têm escolha, a não ser manter a dissuasão nuclear enquanto existirem essas armas. Acreditam que a posse de um meio de intimidação nuclear os deixam no controle. No entanto, a verdade é que os perigos de uma detonação ou lançamento acidental multiplica o número de armas nucleares e Estados que as possuem. Dessa perspectiva, os Estados que possuem armas atômicas têm nas mãos o destino, não só do seu país, de toda a humanidade.

Vinte anos se passaram desde que a Corte Internacional de Justiça (CIJ) emitiu um parecer sobre a legalidade da intimidação ou do uso de armas aniquiladoras. Citando o artigo VI do TNP, afirma:

Há uma obrigação de se manter a boa-fé e concluir as negociações sobre o desarmamento nuclear em todos os seus aspectos sob rigorosa fiscalização internacional.⁴²

No entanto, as negociações de boa-fé que envolvem todos os Estados com armas atômicas nem sequer começaram. Não há perspectiva alguma de desarmamento nuclear num futuro próximo. É uma situação intolerável.

Na tentativa de acabar com este impasse, o Compromisso Humanitário foi encaminhado à Conferência de Revisão do TNP 2015. Mais da metade dos Estados-membros da ONU — 121 países — uniram suas vozes pela cooperação das partes interessadas, organizações internacionais e a sociedade civil, em prol de “ações para condenar, proibir e eliminar as armas nucleares”. Também advertiram, como prioridade imediata, a identificação e as “medidas efetivas para preencher a lacuna jurídica pela proibição e eliminação das armas nucleares”.⁴³



PELA PAZ Campanha pelo desarmamento nuclear, em Londres. Kate Hudson, secretária-geral, segura a bandeira do grupo durante manifestação (jun. 2014)

No outono passado, em consequência de diversas propostas exigindo medidas concretas, a Assembleia Geral da ONU criou um Grupo de Trabalho Aberto (GTA) para participar das importantes deliberações na busca dessas providências. A resolução afirma que o GTA se reunirá em Genebra neste ano “com a participação e contribuição das organizações internacionais e representantes da sociedade civil” e que os participantes devem “fazer o seu melhor para chegar a um acordo mundial”.⁴⁴

Espero sinceramente que o GTA rompa o impasse que aflige a Conferência de Revisão do TNP e cumpra as obrigações estabelecidas no Parecer Consultivo do TIJ de “seguir de boa-fé e levar a uma negociação que conduza ao desarmamento nuclear”.

Diante das consequências humanitárias de qualquer uso das armas atômicas, exorto o GTA que considere os seguintes três itens para atender às preocupações e integrar a voz da sociedade civil em suas deliberações:



CONSCIENTIZAÇÃO Filme que apresenta os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável é projetado na fachada do prédio da ONU

- Remoção do estado de alerta máximo das forças de retaliação nuclear;
- Retirada do guarda-chuva nuclear; e
- Paralisação da modernização das armas nucleares.

Os dois primeiros devem ser executados com rapidez, dada a situação atual em que a inutilidade dessas armas está evidente em função das consequências humanitárias e ineficácia militar.

Devemos nos lembrar que atualmente o uso das armas biológicas e químicas — desenvolvidas num clima de intensa competição ao longo de duas guerras mundiais — é considerado inadmissível, pelas suas consequências humanitárias. Como apontou a ex-Alto Representante das Nações Unidas para Assuntos de Desarmamento, Angela Kane:

Quantos Estados hoje se gabam de ser “Estados com armas biológicas” ou “Estados com armas químicas”? Quem está discutindo o uso da peste bubônica ou a poliomielite, seja num ataque ou em retaliação? Quem fala de um guarda-chuva de arma biológica?⁴⁵

É notável o apelo que faz o Documento Final da Conferência de Revisão do TNP 2010 aos Estados com armas atômicas para, prontamente, “diminuir o papel e a importância das armas nucleares em todos os conceitos militares e de segurança, doutrinas e políticas”.⁴⁶

Neste sentido, vale salientar que um grupo de Estados, o Brasil entre eles, enviou à Assembleia Geral em outubro de 2015 uma resolução incentivando “todos os Estados que

Hibakusha

Hibakusha se refere aos sobreviventes dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki, seus filhos e netos. Literalmente, significa “pessoas afetadas pela explosão”. De acordo com a Lei de Suporte às Vítimas da Bomba Atômica no Japão, há certas categorias de *hibakusha*: pessoas expostas diretamente aos ataques nucleares; pessoas expostas dentro de um raio de 2 km do hipocentro em até duas semanas da explosão; pessoas expostas à precipitação radioativa em geral; e aqueles que foram expostos ainda no útero.

No entanto, recentemente, o termo *hibakusha* também tem sido aplicado a pessoas em qualquer parte do mundo que tenham sido expostas à radiação. Seu uso se expandiu para abranger qualquer pessoa exposta à radiação de combustível nuclear, pela utilização e produção de armas nucleares, especialmente em testes de armas nucleares, bem como com os processos que criam e produzem energia nuclear.

fazem parte de alianças regionais, incluindo Estados com armas nucleares, que reduzam cada vez mais o papel dessas armas”.⁴⁷

Outra resolução apresentada durante a mesma sessão, o Japão entre os seus formuladores principais, “solicita que os Estados envolvidos continuem a rever os seus conceitos militares e de segurança, doutrinas e políticas, para reduzir ainda mais o papel das armas nucleares”.⁴⁸ Acredito que o Japão deva assumir a liderança com a transformação do seu regime

de segurança, hoje dependente da dissuasão ampliada do guarda-chuva nuclear dos Estados Unidos.

Antecedendo o encontro do G7 programado para maio deste ano, o Encontro de Ministros dos Negócios Estrangeiros do G7 será realizado em abril, em Hiroshima. Espero que a natureza desumana das armas atômicas faça parte do programa, junto com as questões da não proliferação, como o programa nuclear norte-coreano e a diminuição do papel das armas atômicas como um passo em direção à desnuclearização do nordeste da Ásia.

Já tratei do terceiro item, a modernização das armas nucleares, na *Proposta de Paz* do ano passado. Gastar mais de US\$ 100 bilhões por ano para manter essas armas, é um grande risco: consolidar as grotescas desigualdades do nosso mundo.

Uma resolução proposta para a Assembleia Geral das Nações Unidas pela África do Sul e outros Estados em outubro de 2015 observa que, “num mundo onde ainda não foram atendidas as necessidades humanas básicas, os vastos recursos destinados à modernização dos arsenais de armas nucleares poderiam ser redirecionados para cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável”.⁴⁹

Se a modernização das armas malignas continuar em seu ritmo atual, pelo menos as próximas gerações serão forçadas a viver sob a terrível ameaça. Ainda que se admitam armas destruidoras sem uso, o desvio de recursos será um grave impedimento para a realização dos ODS e a diminuição significativa da desigualdade que aflige a sociedade mundial.

Nas palavras do representante sul-africano: “O desarmamento nuclear não é apenas uma obrigação jurídica internacional, mas um imperativo ético e moral”.⁵⁰ Creio que estas palavras são as que estão dizendo os sobrevi-

ventes dos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki, submetidos a um sofrimento indescritível e a outros *hibakusha* gravemente afetados pelo desenvolvimento e testes das armas nucleares em outras partes do mundo. Também ecoam nos governos que endossaram o Compromisso Humanitário. E em todos os pacifistas do mundo.

A geração da mudança

Na Conferência de Revisão do TNP de 2015, com representantes cristãos, judaicos, muçulmanos e outras tradições religiosas, a SGI apresentou uma Declaração Conjunta intitulada “Comunidades Religiosas Preocupadas com as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares”, na qual consta:

As armas nucleares são incompatíveis com os valores defendidos por nossas respectivas tradições religiosas: o direito das pessoas de viver com segurança e dignidade; os domínios de consciência e de justiça; o dever de proteger os vulneráveis e de exercer uma gestão que salvaguarda o planeta para as futuras gerações. (...)

Clamamos pelo início rápido das negociações de um novo instrumento jurídico, imbloqueável, para proibir as armas nucleares num fórum aberto a todos os Estados.⁵¹

Já me referi à análise da evolução da competição de Makiguchi, presidente fundador da Soka Gakkai. Na verdade chegou o momento de reconhecer a falência implícita da lógica de competição das armas nucleares — e de todas —, tanto do ponto de vista puramente militar e em termos dos severos sofrimentos que continuam a ser impostos ao nosso mundo.

Desejo intensamente que o GTA, reunido este ano em Genebra, empenhe-se num deba-

te construtivo e elabore um roteiro de medidas eficazes necessárias para “alcançar e manter um mundo sem armas nucleares”,⁵² afirmação do compromisso comum de todos os Estados-membros da ONU. Espero que o lúcido trabalho do GTA na conferência de alto nível da ONU sobre o desarmamento nuclear — a ser realizada, o mais tardar, em 2018 — conduza ao início das negociações sobre um tratado de proibição das armas desumanas.

Em 2017, faz 60 anos a *Declaração pela Abolição das Armas Nucleares* do segundo presidente da Soka Gakkai, Josei Toda. A declaração inspira contínuos esforços da SGI por amplo apoio público para um mundo sem armas nucleares. Nossa determinação é que a eliminação dessas armas seja iniciativa das pessoas do mundo. Alcançada com o trabalho de muitos Estados e da sociedade civil. É um direito internacional dos povos.

A Cúpula Mundial da Juventude para a Abolição das Armas Nucleares, realizada em Hiroshima em agosto do ano passado, emitiu o seguinte compromisso:

As armas nucleares simbolizam uma época passada, que continua ameaçando o nosso presente. Mas não têm espaço no futuro que estamos criando.⁵³

A Cúpula, organizada por seis grupos, incluindo a SGI, teve a participação de jovens de 23 países e do enviado do secretário-geral da ONU para a juventude, Ahmad Alhendawi. Os participantes comprometeram-se a transmitir ao mundo e ao futuro as experiências dos *hibakusha*, sensibilizar os seus colegas e proteger o futuro de toda a humanidade.

Posteriormente, em outubro, em Nova York, o trabalho e os resultados da Cúpula da Juven-



ESPERANÇA Integrantes da Divisão dos Estudantes da BSGI, crianças e jovens de 6 a 17 anos, o futuro da humanidade

tude foram apresentados numa reunião paralela à Primeira Comissão da Assembleia Geral pelo desarmamento e a segurança internacional. O evento centrou-se nas ações que a geração de jovens pode tomar, tanto na ONU como em suas respectivas comunidades, para abrir o caminho do mundo livre de armas atômicas.

Trabalhando com representantes individuais e grupos afins, queremos apoiar a continuidade dessas cúpulas pela abolição nuclear. Para citar novamente o Compromisso da Juventude:

A abolição das armas nucleares é a nossa responsabilidade; é nosso direito e não ficaremos sentados, desperdiçando a oportunidade da abolição das armas nucleares. Nós, jovens em toda a nossa diversidade e em profunda solidariedade, nos comprometemos a realizar este objetivo. Nós somos a geração da mudança.⁵⁴

Se este compromisso, firmado em Hiroshima por jovens de todo o mundo, criar raízes no coração das pessoas, não há barreira insuperável, meta alguma que não seja alcançada.

Mais que tudo, é a profundidade do compromisso que vive no coração da geração mais jovem que transformará o mundo onde armas nucleares ameaçam a vida e a dignidade das pessoas num mundo onde todas as pessoas vivam em paz e manifestem plenamente a sua dignidade inerente.

Estes são o firme compromisso da SGI: inabalável apoio à abolição das armas nucleares e a realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável com base na solidariedade dos jovens, a geração da mudança. A juventude pode e vai fazer a transformação. Vamos continuar a trabalhar por um mundo, uma sociedade mundial. Ninguém será deixado para trás.

Notas

1. Acnur, *UNHCR Mid-Year Trends 2015* [Acnur Tendências do Meio do Ano 2015], p. 3.
2. FICV, *New IFRC Report* [Novo Relatório da FICV].
3. Acnur, *Refugees Endure Worsening Conditions* [Agravamento das Condições Enfrentadas pelos Refugiados].
4. Gianelli, *Migrants Between Scylla and Charybdis* [Migrantes entre Scylla e Charybdis].
5. (Traduzido de) Shioda, *Ganji o tsuide* [Sobre Gandhi], p. 201.
6. Buddharakkhita (tradução), *The Dhammapada* [O Dhammapada], c. 10, n. 130, p. 2.
7. Jaspers, *Socrates, Buddha, Confucius, Jesus* [Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus], p. 24.
8. *Ibidem*, p. 35.
9. Watson (tradução), *The Lotus Sutra* [Sutra do Lótus], p. 82.
10. *Ibidem*, p. 118.
11. (Traduzido de) Nichiren, *Nichiren Daishonin gosho zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin], p. 1262.
12. (Traduzido de) Makiguchi, *Kachiron* [A Teoria do Valor], p. 186.
13. Nussbaum, *Not for Profit* [Sem Fins Lucrativos], p. 79-80.
14. (Traduzido de) Makiguchi, *Makiguchi Tsunesaburo zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi], v. 5, p. 131.
15. *Ibidem*, v. 4, p. 44.
16. *Ibidem*, v. 4, p. 45.
17. Zolli e Healy, *Resilience* [Resiliência], p. 21.
18. ONU Mulheres, *Photo Essay* [Ensaio Fotográfico].
19. Centro de Notícias da ONU, *Interview with Amina J. Mohammed* [Entrevista com Amina J. Mohammed].
20. Cf. Maathai, *Unbowed* [Sem se Abater], p. 122.
21. Acnur, *World Refugee Day* [Dia Mundial do Refugiado].
22. Ikeda e Nanda, *Our World to Make* [O Mundo que Criaremos], p. 152.
23. (Traduzido de) Toda, *Toda Josei zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda], v. 1, p. 20.
24. Maritain, *Man and the State* [O Homem e o Estado], p. 80.
25. Centro de Imprensa UNICEF, *50 Years after UNICEF* [50 anos pós UNICEF].
26. Cf. Acnur, *Worldwide Displacement* [Deslocamento Mundial].
27. Assembleia Geral da ONU, *United Nations Declaration on Human Rights Education and Training* [Declaração das Nações Unidas em Direitos Humanos em Educação e Treinamento], p. 3-4.
28. *Ibidem*, p. 3.
29. AIE, *Key Trends in CO₂ Emissions* [Principais Tendências em Emissão de CO₂], vi.
30. TEMM, *Footprints of TEMM* [As Pegadas da TEMM], p. 2.

31. ONU, *Sustainable Development Goals Fact Sheet* [Informe dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável], p. 6.
32. Maathai, *Unbowed* [Sem se Abater], p. 130.
33. SGI, *Panel at Sendai* [Painel de Sendai].
34. FAO, *Nothing Dirty Here* [Lixo Zero]
35. ONU, *Sustainable Development Goals Fact Sheet* [Informe dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável], p. 8.
36. UNISDR, *Sendai Framework* [Quadro de Sendai], p. 13.
37. *Ibidem*, p. 23.
38. UN SG Envoy on Youth, *4 out of 10 Child Soldiers Are Girls* [4 de 10 Crianças-Soldados são Meninas]
39. (Traduzido de) Makiguchi, *Makiguchi Tsunesaburo Zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi], v. 2, p. 395.
40. Ban, *Video Message to the Conference* [Vídeo Mensagem para a Conferência]
41. (Traduzido de) Toda, *Toda Josei Zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda], v. 4, p. 565.
42. CIJ, *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons* [Legalidade da Intimidação ou do Uso de Armas Nucleares], p. 267.
43. ICAN, *Humanitarian Pledge* [Compromisso Humanitário]
44. Assembleia Geral da ONU, *Taking forward Multilateral Nuclear Disarmament Negotiations* [Impulso para Negociações Multilaterais pelo Desarmamento Nuclear], p. 3.
45. Kane, *Disarmament: The Balance Sheet* [Desarmamento: O Balancete], p. 2.
46. Assembleia Geral da ONU, Conferência de Revisão 2010, p. 21.
47. Assembleia Geral da ONU, *Towards A Nuclear-weapon-free World* [Rumo a Mundo livre de Armas Nucleares], p. 5.
48. Assembleia Geral da ONU, *United Action Towards the Total Elimination of Nuclear Weapons* [Ações Comuns para Eliminação Total das Armas Nucleares], p. 3.
49. Assembleia Geral da ONU, *Ethical Imperatives for A Nuclear-Weapon-Free World* [Imperativos Éticos para um Mundo Livre de Armas Nucleares], p. 3
50. Assembleia Geral da ONU, *Statement by South Africa* [Declaração da África do Sul], p. 2.
51. Assembleia Geral da ONU, *2015 NPT NGO Presentation: Faith Communities Concerned about the Humanitarian Consequences of Nuclear Weapons* [Apresentação da ONG sobre o TNP 2015: Comunidades Religiosas Preocupadas com as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares].
52. Assembleia Geral da ONU, *Taking forward Multilateral Nuclear Disarmament Negotiations* [Avanço das Negociações Multilaterais pelo Desarmamento Nuclear], p. 1.
53. Cúpula Mundial da Juventude para a Abolição das Armas Nucleares, *Generation of Change* [Geração da Transformação].
54. *Ibidem*.

Bibliografia

- KI-MOON, BAN. *Video Message to the Conference 'Comprehensive Nuclear Test-Ban Treaty: Science and Technology 2011'* [Vídeo Mensagem para a Conferência 'Tratado de Proibição Total de Ensaios Nucleares: Ciência e Tecnologia 2011'], 8 de junho. Disponível em: <https://www.ctbto.org/fileadmin/user_upload/SandT_2011/statements/statement-un-secretary-general.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- BUDDHARAKKHITA, Acharya (tradução de). *The Dhammapada: The Buddha's Path of Wisdom*. [O Dhammapada: O Caminho da Sabedoria do Buda] Kandy: Associação de Publicações Budista, 1996.
- FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação). (2014). *Nothing Dirty Here: FAO Kicks Off International Year of Soils 2015* [Lixo Zero: Pontapé da FAO para o Ano Internacional dos Solos 2015], 4 de dezembro. Disponível em: <<http://www.fao.org/news/story/en/item/270812/icode/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- GIANNELLI, Silvia. (2015). *Migrants Between Scylla and Charybdis* [Migrantes entre Scylla e Charybdis]. Inter Press Service. 11 de maio. Disponível em: <<http://www.ipnews.net/2015/05/migrants-between-scylla-and-charybdis-2/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- ICAN (Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares). (2015). *Humanitarian Pledge* [Compromisso Humanitário]. Disponível em: <<http://www.icanw.org/pledge/>> Acesso em: 25 dez. 2015.
- CIJ (Corte Internacional de Justiça). (1996). *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons, Advisory Opinion, I.C.J. Reports* [Legalidade da Ameaça ou Uso das Armas

- Nucleares, Opinião Consultiva, Relatórios da CIJ]. 8 de julho. p. 226-267. Disponível em: <<http://www.icj-cij.org/docket/files/95/7495.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- AIE (Agência Internacional de Energia). (2015). *Key Trends in CO₂ Emissions — Excerpt from: CO₂ Emissions from Fuel Combustion (2015 Edition)* [Principais Tendências em Emissão de CO₂ — Extraído de: Emissão de CO₂ a partir da queima de combustível (Edição 2015)]. Disponível em: <https://www.iea.org/publications/freepublications/publication/CO2_EmissionsTrends.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- FICV (Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho). (2015). *New IFRC Report Calls for Greater Recognition and Support for Local Humanitarian Actors* [Novo Relatório da FICV em apelo por maior reconhecimento e apoio aos agentes humanitários locais]. Press Release. 24 de setembro. Disponível em: <<http://www.ifrc.org/en/news-andmedia/press-releases/general/wdr-press-release/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- IKEDA, Daisaku; NANDA, Ved. *Our World to Make: Hinduism, Buddhism, and the Rise of Global Civil Society* [O Mundo que Criaremos: Hinduísmo, Budismo, e o Surgimento de uma Sociedade Civil Global]. Cambridge, Massachusetts: Dialogue Path Press, 2015.
- Cúpula Mundial da Juventude para a Abolição das Armas Nucleares. (2015). *Generation of Change: A Youth Pledge for Nuclear Abolition* [Geração da Mudança: Compromisso da Juventude pela Abolição das Armas Nucleares]. 30 de agosto. Disponível em: <<http://internationalyouthsummit.org/pledge/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- JASPERS, Karl. *Socrates, Buddha, Confucius, Jesus: The Paradigmatic Individuals*

- [Sócrates, Buda, Confúcio, Jesus: Os Mestres da Humanidade]. Tradução de Ralph Manheim. San Diego, Nova York e Londres: Harcourt Brace & Co., 1962.
- KANE, Angela. (2014). *Disarmament: The Balance Sheet* [Desarmamento: O Balancete]. 2014 Foreign Policy Lecture. 7 de abril. Disponível em: <https://unodaweb.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2014/04/HR_statement_NZ_Wellington_NZIIA.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- MAATHAI, Wangari. *Unbowed: A Memoir* [Sem se Abater: Memórias]. Londres: Arrow Books, 2008.
- MAKIGUCHI, Tsunesaburo. *Kachiron* [A Teoria do Valor]. Ampliado e revisado por Josei Toda. Tóquio: Soka Gakkai, 1961.
- _____. *Makiguchi Tsunesaburo Zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi]. 10 volumes. Tóquio: Daisanbunmeisha, 1981-1997.
- MARITAIN, Jacques. *Man and the State* [O Homem e o Estado]. Chicago: University of Chicago, 1951.
- NICHIREN. *Nichiren Daishonin Goshō Zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin]. Editado por Nichiko Hori. Tóquio: Soka Gakkai, 1952.
- NUSSBAUM, Martha C. *Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities* [Sem Fins Lucrativos: Por que a Democracia Precisa das Humanidades]. Princeton, New Jersey, e Woodstock, Reino Unido: Princeton University Press, 2012.
- SGI (Soka Gakkai Internacional). (2015). *Panel at Sendai UN World Conference on Disaster Risk Reduction Highlights Opportunities for Cooperation between China, South Korea and Japan* [Quadro de Sendai na Conferência Mundial das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres Destaca Oportunidades de Cooperação entre China, Coreia do Sul e Japão]. Press Release. 17 de março. Disponível em: <http://www.sgi.org/in-focus/press-releases/panel-at-sendai-un-world-conference-on-disaster-risk-reduction-highlights-opportunities-for-cooperation-between-china-south-korea-and-japan.html>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- SHIODA, Jun. *Ganji o tsumide* [Sobre Gandhi]. Tóquio: Nihon Hoso Kyokai, 1998.
- TEMM (Encontro Trilateral de Ministros do Meio Ambiente entre Coreia, China e Japão). (2010). *Footprints of TEMM: Historical Development of the Environmental Cooperation among Korea, China, and Japan from 1999 to 2010* [Os passos da TEMM: Desenvolvimento Histórico da Cooperação Ambiental entre Coreia, China e Japão de 1999 a 2010]. Disponível em: <http://www.temm.org/inc/fdn.jsp?fdir=temm_tm_others&fname=TEMM_0818.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- TODA, Josei. *Toda Josei Zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda]. 9 volumes. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1990.
- NU (Nações Unidas). (1948). *Universal Declaration of Human Rights* [Declaração Universal dos Direitos Humanos]. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/eng.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *Sustainable Development Goals Fact Sheet* [Informe dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável]. Disponível em: <http://www.un.org/sustainabledevelopment/wpcontent/uploads/2015/08/Factsheet_Summit.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. Assembleia Geral. (2010). *Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares: Documento Final*. NPT/CONF.2010/50 (Vol. I). 18 de junho. Disponível em: <http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=NPT/CONF.2010/50%20%28VOL.I%29>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2011). Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos. A/RES/66/137. Adotada pela Assembleia Geral. 19 de dezembro. Disponível em: <http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N11/467/04/PDF/N1146704.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *NPT NGO Presentation: Faith Communities Concerned about the Humanitarian Consequences of Nuclear Weapons* [Apresentação da ONG sobre o TNP 2015: Comunidades Religiosas Preocupadas com as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares]. 2015 Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação Nuclear de 2015 (TNP), 27 de abril-22 de maio. Declaração. 1º de maio. Disponível em: <http://www.un.org/en/conf/npt/2015/statements/pdf/individual_6.pdf>. Acessado em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *Transforming Our World: The 2030 Agenda for Sustainable Development* [Transformar nosso mundo: Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável]. A/RES/70/1. Adotada pela Assembleia Geral. 25 de setembro. Disponível em: <http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). Statement by South Africa during the Thematic Debate on Nuclear Weapons [Declaração da África do Sul durante Debate Temático sobre Armas Nucleares]. 19 de outubro. Disponível em: <http://statements.unmeetings.org/media2/7653271/south-africa-19th.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *Ethical Imperatives for A Nuclear-weapon-free World* [Imperativos Éticos para um Mundo Livre de Armas Nucleares]. A/RES/70/50. Adotados pela Assembleia Geral. 7 de dezembro. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/50>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *Taking forward Multilateral Nuclear Disarmament Negotiations* [Avanço das Negociações Multilaterais pelo Desarmamento Nuclear]. A/RES/70/33. Adotado pela Assembleia Geral. 7 de dezembro. Disponível em: <http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/33>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *Towards A Nuclear-weapon-free World: Accelerating the Implementation of Nuclear Disarmament Commitments* [Rumo a um Mundo Livre de Armas Nucleares: Acelerando a Implementação do Compromisso do Desarmamento Nuclear]. A/RES/70/51. Adotado pela Assembleia Geral. 7 de dezembro. Disponível em: <http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/51>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *United Action Towards the Total Elimination of Nuclear Weapons [Ações Comuns para Eliminação Total das Armas Nucleares]*. A/RES/70/40. Adotadas pela Assembleia Geral. 7 de dezembro. Disponível em: <http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/40>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. Centro de Notícias. (2014). *Interview with Amina J. Mohammed, Secretary-General's Special Adviser on Post-2015 Development Planning* [Entrevista com Amina J. Mohammed, assessora especial do secretário-geral da ONU para o Planejamento do Desenvolvimento Pós-2015]. 4 de dezembro. Disponível em: <http://www.un.org/apps/news/newsmakers.asp?NewsID=113>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. Conselho de Segurança. (2005). Conselho de Segurança Estabelece Monitorização, Mecanismo de Notificação do Uso de Crianças-Soldados, Adota por Unanimidade a Resolução 1612 (2005). Press Release. SC/8458. 26 de julho. Disponível em: <http://www.un.org/press/en/2005/sc8458.doc.htm>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. Secretário-geral da ONU para a juventude (Escritório do Secretário-geral da ONU para a juventude). (2015). *4 out of 10 Child Soldiers Are Girls* [4 de 10 Crianças-Soldados são Meninas]. 12 de fevereiro. Disponível em: <http://www.un.org/youthenvoy/2015/02/4-10-child-soldiers-girls/>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). (2015). *Refugees Endure Worsening Conditions as Syria's Conflict Enters 5th Year* [Agravamento das Condições Enfrentadas pelos Refugiados no Conflito da Síria entra no 5º ano]. Press Release. 12 de março. Disponível em: <http://www.unhcr.org/5501506a6.html>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *Worldwide Displacement Hits All-time High as War and Persecution Increase* [Deslocamento Mundial bate recorde histórico com o crescimento da guerra e perseguição]. News Stories. 18 de junho. Disponível em: <http://www.unhcr.org/print/558193896.html>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *Acnur Tendências do Meio do Ano 2015*. Disponível em: <http://www.unhcr.org/56701b969.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. (2015). *World Refugee Day: All Stories* [Dia Mundial do Refugiado: Todas as Histórias]. Disponível em: <http://www.unhcr.org/refugeeday/us/stories/>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) Centro de Imprensa. (2015). *50 Years after UNICEF Received Nobel Peace Prize, Children Still Face 'Conflict and Crisis, Deprivation and Disadvantage* [50 anos após a UNICEF receber o Prêmio Nobel da Paz, as crianças ainda enfrentam conflitos e crises, miséria e desfavor]—UNICEF Chief. Declaração. 6 de outubro. Disponível em: <http://www.unicef.org/media/media_85742.html>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- UNISDR (Escritório das Nações Unidas para Redução do Risco de Desastres). (2015). *Quadro de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030*. Disponível em: <http://www.preventionweb.net/files/43291_sendaiframeworkfordrren.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- ACNUDH (Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos). (1951). *Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados*. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/ProfessionalInterest/Pages/StatusOfRefugees.aspx>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- ONU Mulheres. (2015). *Ensaio Fotográfico: Photo Essay: Elas não estavam na Conferência de Pequim, mas... 4 de fevereiro*. Disponível em: <http://www.unwomen.org/en/news/stories/2015/02/they-were-not-at-the-1995-beijing-conference-but>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- WATSON, Burton, (tradução de). *The Lotus Sutra and Its Opening and Closing Sutras* [O Sutra do Lótus e sua Abertura e Finalização dos Sutras]. Tóquio: Soka Gakkai, 2009.
- ZOLLI, Andrew; HEALY, Ann Marie. *Resilience* [Resiliência]. Londres: Headline Publishing Group, 2012.

Propostas de Paz proferidas pelo Dr. Daisaku Ikeda em 26 de janeiro, Dia da SGI

- 2016** — Respeito universal pela dignidade humana: o grande caminho da paz
- 2015** — Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra
- 2014** — Criação de valores humanos: a construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições
- 2013** — Compaixão, sabedoria e coragem — Para a humanidade viver em paz
- 2012** — Segurança humana e sustentabilidade: compartilhar o respeito pela dignidade da vida
- 2011** — Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora
- 2010** — Novos valores para uma nova era
- 2009** — Competição humanitária: nova esperança na história
- 2008** — A humanização da religião a serviço da paz
- 2007** — Resgatar a nossa humanidade: primeiro passo para a paz mundial
- 2006** — A nova era do povo: uma rede mundial de indivíduos conscientes e fortes
- 2005** — Uma nova era de diálogo: o triunfo do humanismo
- 2004** — Revolução interior: uma onda mundial pela paz
- 2003** — Por uma ética global — A dimensão da vida: um paradigma
- 2002** — O humanismo do caminho do meio — O alvorecer de uma civilização global
- 2001** — O desafio da nova era: construir a todo instante o “Século da Vida”
- 2000** — A paz pelo diálogo — É tempo de falar: uma cultura de paz
- 1999** — Pela cultura de paz — Uma visão cósmica
- 1998** — A humanidade e o novo milênio: do caos para o cosmos
- 1997** — Novos horizontes de uma civilização global
- 1996** — Rumo ao terceiro milênio: o desafio da cidadania global
- 1995** — Criando um século sem guerras por meio da solidariedade humana
- 1994** — A luz do espírito global: uma nova alvorada na história da humanidade
- 1993** — Rumo a um mundo mais humano no século vindouro
- 1992** — Uma renascença de esperança e harmonia
- 1991** — O alvorecer do século da humanidade
- 1990** — O triunfo da democracia: rumo a um século de esperança
- 1989** — A alvorada de um novo globalismo
- 1988** — Entendimento cultural e desarmamento: os blocos edificadores da paz mundial
- 1987** — Propagando o brilho da paz: rumo ao século do povo
- 1986** — Rumo a um movimento global por uma paz duradoura
- 1985** — Novas ondas de paz rumo ao século XXI
- 1984** — Criando um movimento unido para um mundo sem guerras
- 1983** — Nova proposta para a paz e o desarmamento